

ANNO 1°

5 de Setembro de 1897

NUMERO 5.

REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Illustrada

Director-M. Bolelho.



Redacção e Administração.

48 Rue de Laborde

Paris

Um transtorno da ultima hora, obrigou-nos a imprimir a capa do nosso ultimo numero n'uma só côr, mudando assim o aspecto exterior da nossa publicação. Demos as devidas providencias para que tal facto não se repita.

Devido ás grandes despesas que a *Revista Moderna* é forçada a saldar mensalmente, pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de pagarem as suas assignaturas no acto da subscrição.

Rogamos tambem os nossos assignantes que, por um desvio do correio, não recebam a *Revista* a reclamem aos nossos agentes, nos respectidos Estados.

Aos nossos leitores,

A REVISTA MODERNA, fundada com capitães proprios e realizados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

A realisação d'este pequeno, mas difficil, programma exigia, antes de tudo, uma collaboraçoão emminantemente superior e a influencia de grandes espiritos criticos que, permanentemente, orientassem a sua perfeita e completa execuçoão.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a soluçoão d'este problema, dando á nossa REVISTA a valiosa collaboraçoão de **EÇA DE QUEIROZ** cuja authoridade é indiscutivel em todo o mundo culto de Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a REVISTA MODERNA conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secçoões do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjunto.

AS QUESTÕES POLITICAS SERÃO RIGOROSAMENTE BANIDAS DO NOSSO PROGRAMMA, E A LUCTA DE PARTIDOS NÃO ENCONTRARÁ O MENOR ECHO, NAS NOSSAS COLUMNAS.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicações artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeiçoados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustraçoão, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execuçoão impecavel da mesma, será o objecto da nossa constante attençoão.

Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo **magazine** pela variedade dos assumptos e uma **illustraçoão** de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos.

Iniciando uma publicação d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepçoões que nos podem acolher; mas, sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa REVISTA.

A imprensa Portugueza e Brasileira, sempre justa ás ideias boas e sinceras, estamos certos, dará á nossa publicação o lugar que lhe compete.

A DIRECCÃO.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um **CORREIO ILLUSTRADO** creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na *Revista Moderna*, incumbe ao seu respectivo autor.

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor **EÇA DE QUEIROZ**, o direito de publicação de um grande romance inedito :

A ILLUSTRÉ CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustraçoões — do grande romance :

A ILLUSTRÉ CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ

CHRONICA

No mesmo hotel

Já Alfred de Musset, em versos mediocres mas immortaes, nos ensinou que quinze dias, quinze curtos e ligeiros dias,

Font d'une mort récente une vieille nouvelle!

D'uma morte recente uma velha noticia... Com effeito! E não só a noticia envelhece, desbota, en-gilha, desce ao lixo como o Jornal em que primeiramente rebrillhou e resouu — mas tambem com cada sol que se affunda no mar, o morto mais morre, mais se affunda na terra. Ha pouco era uma Personalidade que revolvía, atravancava todo um Reino : agora é uma fôrma inerte, embrulhada n'um panno, que cabe n'um caixão esguio : dois mezes rolam, como duas gottas n'uma vaga, e já nem mesmo se lhe distingue o vulto na vasta impersonalidade do pó! Assim vinte curtos dias cõrrem desde que D. Antonio Canovas cahio morto, com um tiro, no Hotel de Sant' Agueda : — eis que já a ardente, esvoaçante, estridente noticia da sua morte caducou, regelou, se alinhou, secca e rigida, entre os parographos mortos da Historia, e já D. Antonio Canovas, o homem forte que enchia a Hespanha, de Oceano a Oceano, desde Cuba até ás Philip-pinas, se esvae, recua diluidamente para o Pas-sado, sombra tenue confundida a outras sombras tenues, um incerto Canovas, que se perde entre os vagos Metternichs e os esfumados Cavours...

Mas o que não caduca, o que permanecerá, dando sempre um arrepio novo, é a historia tão simples e tragica d'aquelles cinco dias de verão em que o assassino viveu quietamente e cortezmente, no mesmo Hotel, com o homem que vinha assassinar! Não, nem na realidade ambiente, nem nas cousas creadas pela imaginação, existio nunca episodio mais intensamente sinistro! É n'uma pequena Estação d'Agoas, em Sant' Agueda, onde Canovas toma banhos thermaes para o seu reuma-thismo, e habita o unico Hotel d'aquella aldêa

entre montes. Uma tarde, n'um banco do jardim que precede o Hotel, elle conversa alegremente (era exuberante e subtil ccnversador), quando d'um omnibus, do omnibus que chegava do Caminho de Ferro, se appeia um sujeito, de paletot alvadio, segurando a sua maleta de lona. Ao passar, este homem, avistando o Presidente do Conselho, o Senhor constitucional da Hespanha, poderoso e illustre, ergue com reverencia o seu chapéo molle. E Canovas, na sua familiaridade facil, tão grandemente hespanhola, sauda logo, com um aceno de mão, condescendente e affavel. A quem acenou assim, risonhamente, D. Antonio Canovas? A Morte, — á sua Morte, que o vem buscar a Sant' Agueda. Foi a Morte que chegou agora das profundidades do Destino, agasalhada n'um paletot alvadio, com a sua foice dentro da maleta de lona. E Canovas, no banco do jardim, junto de uma moita de flôres frageis que lhe hão-de sobreviver, continua contando, gracejando — em quanto a Morte, a sua Morte, paga o cocheiro do omnibus, e serenamente, sem pressa, transpõe a porta do Hotel.

A Morte entrou. A Morte pede um quarto, simples e barato, no ultimo andar, para onde sobe atraz do creado, que lhe leva a mala onde ella leva a foice. Ahi dependura o paletot no cabide, lava as mãos da poeira da jornada — e, debruçada da estreita janella, a Morte estende os fundos e agudos olhos para baixo, para o jardim, para o seu homem. Elle não se moveu, recostado no banco, entre o seu rancho, conversando com a viveza, o contentamento saudavel, a renovada elasticidade de vontade e pensamento que lhe deram aquelles limpos ares, as beneficas aguas que curam dôres nos joelhos. Porque Canovas veio a Sant' Agueda curar dôres ligeiras que o inquietam... A Morte espreita da janella alta. E para além, atravez das arvores, apparecem os tricornes de oleado, os vivos talabartes amarellos da Guarda Civil, destacada em Sant' Agueda para cercar, honrar,

velar o Presidente do Conselho... Mas uma sineta tilinta vagarosamente. É o jantar. A Morte desce a escadaria de pedra. Sem rumor, modestamente, quasi encolhida, occupa a sua cadeira na comprida mesa, onde já abancaram, com ruido, nedias matronas de buço e altos pentes de tartaruga, coroneis agaloados e desabotoados, clerigos que murmuram as « Graças » apalpando o pão. Também, de certo, por entre os vasos com flôres do monte, alguns bellos olhos, n'um oval perfeito de quente pallidez, refulgem, espargem a sua avelludada caricia. Mas a Morte não repara. Ainda que a dizem irmã do Amor, não foi para aquellas moças, de franzina cinta que ella veio a Sant' Agueda, das profundidades do Destino, no Caminho de Ferro, em segunda classe. Concentradamente percorre o « menu », desdobra o seu guardanapo. O creado barulhento serve a sopa : — e a Morte, cançada e com appetite, come d'aquella sopa, de que, ao lado, n'uma mesa reservada, na mesa de S. Ex^a, está também comendo o morto.

Então começa a espantosa historia dos cinco dias. Constantemente, nos corredores, nas ruas mal calçadas da encovada aldêa, nas estradas assombreadas de carvalho e pinheiral, o assassino crusa o homem que vae assassinar. E é sempre o mesmo respeitoso erguer do chapeo molle — o mesmo aceno affavel da mão poderosa. Até se encontram de manhan, cedo, ambos em chinellas, na galeria dos Banhos. Á remota Sant' Agueda, perdida nas serras, só se affoita quem toma os banhos que curam as dôres; — e a Morte, resignadamente, cada manhan, toma o banho que a disfarça. Canovas já conhece aquelle homem, que, sempre encontra, muito modesto, quasi bucolico, nos caminhos das collinas mais verdes — ou contornando o muro do jardim com pensativa lentidão. Já mesmo uma tarde murmurara, com distrahida indifferença, ao Chefe da Policia : — « Quem será este homem? » E o Chefe da Policia affirmara com immensa certeza : — « É o correspondente d'um jornal d'Italia, que toma os banhos... »

Canovas findara talvez por sympathisar com aquelle jornalista de face intelligente, que, para proveito do seu Jornal, se embebia na estudiosa contemplação do homem forte que governava a Hespanha. Toda a vida do Presidente, de resto, mesmo o seu trabalho politico, se desenrolava deante do homem pensativo de chapeo molle. N'esses dias abrasados d'Agosto, n'aquella aldêa thermal afundada entre montes, era do arejado jardim do Hotel que o Estadista dirigia o Estado. Com a pasta pousada no banco, abria os telegrammas, relanceava os relatorios, defendia Cuba, reprimia as Philippinas, exercia a sua omnipotencia escrevinhando sobre o joelho — e a Morte

rondava e olhava para elle. Quantas vezes, n'esse banco, conversando com os secretarios, depois do almoço, n'aquelle limpido metal da sua voz, que o gesto decidido atirava para longe soberbamente, — elle mencionou planos, reformas, idéas de força, enredos de prudencia, todo um trabalho de governo, potente e ductil, demandando um viver longo, um dominio firmado, a sequencia d'uma energia que não oscilla sobre a sua vasta base de ferro. Os secretarios admiravam... Elle exclamava, seguro : — « Mais tarde eu direi!... Para o anno eu farei!... » E o homem do chapeo molle pensava : — « Talvez o mate antes d'anoitecer! » Isto durou cinco dias.

Porque tardou assim cinco dias, o homem do chapeo molle? É que, cousa sinistra! a Morte sabia que, matando, morreria. Para elle, e com clara consciencia, também aquelles dias de banhos na quieta Sant'-Agueda eram os derradeiros do mundo. De manhã, accordando no seu quarto do terceiro andar, abrindo a janella á fina aragem da serra, e ao aroma dos pinheiros, de certo considerava que talvez não tornasse a ver nem montes nem pinheiraes, nem gados pastando, nem crianças brincando á beira das sebas — e que nunca mais abriria uma janella cheia do sol e de azul, porque, para todas as horas restantes n'uma espessa masmorra, as suas mãos estariam amarradas por algemas de ferro. Hesitava? Não! Uma Justiça superior o marcara gloriosamente para vingar os seus irmãos torturados, e toda a miseria humana!... Mas talvez essa tortura lhe apparecesse mais incerta, e essa miseria menos pungente, alli, longe das famintas viellas das duras cidades, entre a doce quietação das collinas eternas, contemplando a suavidade dos valles, com os seus verdes retalhos de lavoura, onde o homem acha em segurança o pão e a liberdade. E talvez então murmurasse : — « Bem, será para amanhã!... » Era mais um dia para passear nas frescas alamedas, e respirar o crespo e cheiroso ar da serra, e recolher socegradamente, á tardinha, quando a sineta do Hotel, sonora em todo o valle, toca para o jantar... Mas certamente o mataria! Jurara vingar os tormentos dos seus irmãos — e depois, incessantemente o fascinava a idéa do seu nome retumbando em toda a Hespanha, enchendo o mundo. O homem que executara Canovas!... Era o seu retrato em todas as vidraças — a sua vida, de revoltado humanitarismo, contada com ardente curiosidade como se conta a dos heroes! Que espanto e escuro terror inspiraria o seu grande gesto! Mas nos desolados recantos onde se abriga, sem lume, quasi sem pão, no seu secular opprobrio, a plebe soffredora — de quanto amor e admiração seria o seu nome cercado! Oh! devia matar, fatalmente n'essa tarde! O revolver entan-

guedia, esperando, no fundo da maleta de lona... E todavia, ao atar em roda do pescoço a gravata, sentia, n'um curto arrepio, o frio ferro do garrote. « Talvez hoje não possa... Mas será amanhã! »

E esse dia, como sempre, era occupado em solitarias caminhadas. Que pensamentos o acompanhavam, pelas silenciosas estradas orladas de carvalho e faia? Sempre os mesmos e vagos — vingar a Humanidade, entrar na Historia... E, certamente tambem, fugir depois de matar. Estudou talvez, atravez dos montes, atalhos e escondrijos. Mas não se fortaleceria n'essa esperança. Depois, a grandesa da sua missão reclamava nobreza d'attitude. Que humilhação perante o mundo, se soldados, correndo, o apanhassem encolhido, assolapado no matto, como um larapio! E a fuga, se a realisasse com segurança, era o seu nome sem assombro, sem gloria, sem bençãos... Revolvendo estas cousas confusas, muitas vezes na estrada, alcançava Canovas, entre o seu rancho, perseguido alegremente por pequenos esguedelhados a quem distribuia pesetas. Logo o chapeo molle se erguia, respeitoso — e lá vinha, para a Morte, o acêno superior da mão poderosa. E ambos recolhiam, na frescura da tarde, em quanto a sineta do Hotel, sonora em todo o valle, chamava para o jantar. E quando, á noite, as senhoras na sala abandonavam a costura, e o *whist* findava, ambos subiam, pelas mesmas escadas, Canovas para o seu quarto atulhado de papeis d'Estado, de longos planos demandando um viver longo, e a Morte para cima, para o terceiro andar onde apenas, a um canto pousava a maleta de lona... Sant'Agueda adormece, no silencio que baixa dos montes. Só algum cão uiva, n'um casal remoto. E no corredor o velho relógio tropego, com o seu tic-tac, marcha, tic-tac para a hora derradeira do homem poderoso,

bem defendido, certo do poder e da sorte — em quanto por cima, sem se apressar, a Morte se despe, a Morte apaga a vela.

Emfim amanhece, é Domingo. Por que escolheu esse dia, o homem do chapeo molle? Ah! Estes domingos em que a Burguesia mais vistosamente se mostra no seu luxo ricasso e no seu tradicionalismo estreito, as senhoras rojando as grandes sedas de missa, os homens resplandecendo nas suas bottinas de verniz novo, e todos n'uma fileira decorosa arrebanhando para a Igreja, para a reverencia dos Dogmas, — enervam sempre asperamente os racionalistas, os equalitarios... Canovas voltou da missa. Sentado no banco do jardim, junto d'uma porta envidraçada, corre o jornal, olha o seu relógio, esperando o almoço. Tic, tic, tic, — o ponteiro corre — o homem forte que governa a Hespanha tem apenas um minuto a viver, sob aquelle generoso sol que cobre Sant'Agueda. A Morte trepou ao seu quarto, abriu a sua maleta, tirou a sua foice. Já desce a escadaria, crusando as senhoras que sobem, com as suas sedas de Domingo, os seus devotos livros de Missa. E depois...

Mas então a tragedia perde o seu interesse violento. Ha apenas um nobre homem morto que os seus amigos, n'uma assombrada dôr, levam, para começarem a sua apothose. E ha outro homem, com as mãos algemadas e tambem já morto, que os soldados arrastam para o garrote.

No emtanto, pelas quietas collinas de Sant'Agueda os pinheiraes, altos no desattento azul, não cessam o seu indolente, eterno ramalhar: robustas vaccas pastam n'um prado, onde um esperto arroio reluz e corre atarefado; e nos silvados as borboletas, aos pares, voam deslumbradamente por cima das madresilvas e das amoras maduras.

EÇA DE QUEIROZ.



А КВИНЗЕНА ПОЛИТИЧНА

O DESAPARECIMENTO da scena politica hespanhola do primeiro ministro da rainha Regente, trouxe como natural consequencia a desorganização do disciplinado partido conservador, essa obra prima de trabalho e tino politico devida ao extraordinario talento do grande estadista Canovas. O brilhante estado maior d'esse mesmo partido, dirigido por homens notaveis como Romero Robledo e M. Silvela, sente-se desorientado, fraccionado, e sem iniciativas nem resoluções, dignas de um semelhante momento; e as antigas rivalidades que só eram contidas pelo prestigio incomparavel do chefe que desapareceu renascem mais fortes que nunca disputando uma successão inesperadamente aberta.

Desvaneceram-se as esperanças de um aperto de mão congraçador, sacrificando as individualidades e as ambições como um preito digno, patriotico e justo, offerecido á memoria do grande morto, e essa critica e luctuosa phase que atravessa a nação hespanhola, será talvez duplamente triste pela retirada, do governo, do partido politico que de mais força e de melhores elementos dispõe para sustentar a patria em tão dolorosas e terriveis contingencias.

O senhor Sagasta e com elle o seu partido estão prestes a recolher essa pesada herança e promptos a sacrificar-se pela combinação de uma politica firme e patriotica; mas, o chefe dos liberaes não quer precipitar os acontecimentos em favor do seu partido; não ignorando que uma lucta pelo poder em tão agitado periodo será o começo de graves complicações exteriores.

Em meio de todas estas difficuldades internas, phenomenos inquietadores de uma agitação carlista começam a manifestar-se, nas reuniões secretas que se succedem em toda a peninsula e nos *meetings* publicamente organisados, mesmo em S. Sebastião, onde a familia real e toda a cõrte residem durante o verão. Se é na verdade o resurgimento de um partido duas vezes esmagado na lucta pelas suas pretensões, mas que retemperado por uma tregua de vinte annos se sente bastante forte para encetar uma nova tentativa, força é confessar que a delicadeza da situação se accentua e que a tarefa imposta ao novo gabinete, qualquer que elle seja, necessitará de uma bem differente orientação.

Don Carlos de Bourbon, pretendente ao throno de Hespanha, intervistado sobre os ultimos acontecimentos, declarou que « a morte do primeiro ministro era o começo de uma terrivel crise cujo

epilogo será o desaparecimento do throno de Affonso XIII. « Vós assistireis em breve, ao desmoronamento das instituições actuaes que duraram até ao presente sómente, pelo papel passivo a que o meu patriotismo me forçava. Foi ainda meu amor sem limites pela Hespanha que reteve os meus desejos e os de todos os meus que são legião, para não augmentar as complicações nas quaes meu pobre paiz se acha envolvido. E, declaro-lhe com toda a sinceridade que esse sacrificio das minhas aspirações as mais ardentes, foi um dos mais peizados da minha vida. Agora, o implacavel destino reduzirá em pó, tudo quanto o meu patriotismo tinha respeitado até o presente ». E assim terminam, cheias de optimismo para a sua causa e de tristes agouros para a dynastia reinante, as declarações do pretendente.

Sem desconhecermos os reaes elementos de que dispõem os carlistas em toda a peninsula, não pondo em duvida muito menos a bravura e coragem pessoal do seu chefe, julgamos que a occasião é desfavoravel para uma tal tentativa, que augmentando as desgraças da patria-commun chamará a si todas as antipathias e recriminações de uma grande parte, senão da maioria da nação.

Está tambem á frente do gabinete provisoriamente o general Ascaraga que tem a confiança da corõa e a sympathia dos partidos e que tem sido o sabio organizador do exercito de Cuba, para onde enviou sem grandes ostentações 220,000 homens e 30,000 para as Phillipinas. Um velho soldado de sessenta annos que bravamente se distinguio como chefe de estado-maior no exercito do Norte na ultima guerra Carlista. Conhecendo o valor dos generaes que commandaram ou commandam actualmente, é o homem que forçosamente está indicado para tomar a responsabilidade militar em qualquer gabinete que se forme, e como é bastante natural, para esmagar o primeiro movimento sedicioso que se manifestar na peninsula. Deante de todas estas considerações que certamente farão peso no espirito intelligente do desterrado de Veneza, é bem possivel, senão quasi certo, que D. Carlos contenha os seus partidarios dando assim a mais patriotica prova do seu sincero e verdadeiro amor pela Hespanha.



D. CARLOS, Pretendente á corõa de Hespanha.

dado de sessenta annos que bravamente se distinguio como chefe de estado-maior no exercito do Norte na ultima guerra Carlista. Conhecendo o valor dos generaes que commandaram ou commandam actualmente, é o homem que forçosamente está indicado para tomar a responsabilidade militar em qualquer gabinete que se forme, e como é bastante natural, para esmagar o primeiro movimento sedicioso que se manifestar na peninsula. Deante de todas estas considerações que certamente farão peso no espirito intelligente do desterrado de Veneza, é bem possivel, senão quasi certo, que D. Carlos contenha os seus partidarios dando assim a mais patriotica prova do seu sincero e verdadeiro amor pela Hespanha.

* * *
ESTÁ felizmente resolvido o conflicto diplomatico entre a Austria e a Bulgaria, que ameaçou por momentos as boas relações d'esses dous paizes, merecendo mesmo as honras da retirada do ministro austriaco de Sophia, que por ordem do seu

governo, pediu os passaportes deixando os negocios da legação a cargo do secretario. Certas declarações feitas pelo primeiro ministro do príncipe Fernando a um jornal allemão foram a causa d'esse incidente que acaba de ser fechado pelas explicações fornecidas pelo mesmo estadista ao gabinete de Vienna.

E seria bem para lamentar que justo no momento em que o velho Imperador e Rei Francisco José festeja os seus sessenta e sete annos de uma existencia cheia de glorias e de revezes, uma questão insignificante em sua origem fornecesse motivo para serias complicações, que teriam podido trazer desagradaveis consequencias; pois ninguém ignora que esses pequenos estados balkanicos são os eternos fornecedores de pretextos futeis e sem valor, que segundo as disposições da politica europeá, podem quando menos se esperar, ser o ponto de partida da conflagração geral.

Francisco José, desejando celebrar com fausto o seu dia anniversario, deixa a sua cara villegiatura de Ischl nas frescas montanhas do Tyrol, transportando-se ás planícies da Galitza onde vem encontrar os seus amigos e alliados, Guilherme II da Allemanha Carlos I da Roumania e o rei do Wurtemberg, passando com os mesmos revista a um corpo de exercito de sessenta mil homens que inauguram as manobras do outomno. Essa festa natalicia do velho soberano passada no meio da familia e dos bons vizinhos é a primeira nota do grande Jubileo que sua Magestade Imperial e com ella todo o seu povo, festejará no proximo anno em

igual data, commemorando o quinquagesimo anniversario da sua elevação ao throno dos Habsburgos.

É de esperar que n'essa occasião o senhor conde Badeni, primeiro ministro do imperador-rei, tenha conseguido aplainar as difficuldades que se levantam actualmente entre Vienna e Buda-Pesth sobre a renovação do compromisso Austro-Hungaro e a delicada questão dos Tchecos da Bohemia.

Depois da revolução de 1848 a Hungria derrotada, entra definitivamente a fazer parte do imperio-Austriaco sob a garantia de uma ampla e larga autonomia. As mais honrosas e dignas condições lhe foram feitas e uma completa liberdade de politica interior offerencia á patria dos magyars uma real independencia. Francisco José recebeu a corôa de S^o Estevam sendo sagrado rei da Hungria em Budapesth; toda a velha nobreza foi reconhecida e garantida nos seus titulos e direitos, a administração interior, livre e emancipada de qualquer ingerencia estrangeira e o senado e as camaras fazendo e seguindo uma politica toda nacional. O exercito e armada seriam communs aos

dous paizes e a responsabilidade das despesas geraes do imperio e reino, garantidas por um compromisso entre as duas nações, veio ainda favorecer com limitadissimas obrigações o thesouro hungaro. É para a renovação d'esse compromisso que findará este anno, que a Austria reclama da Hungria uma maior somma de encargos em proporção natural á sua larga autonomia e ao florescente estado das suas finanças; — mas esse justo pedido do gabinete de Vienna encontrando uma seria opposição nos parlamentos de Buda-Pesth necessitará da parte do conde Badeni uma serie de habeis e intelligentes manobras politicas envolvidas em pequenas e lisongeiras concessões captivando o espirito nacional hungaro e procurando assim obter a aceitação desse accordo necessario.

As difficuldades que se levantam do lado da Bohemia são de uma natureza toda differente.

Duas nacionalidades disputam a primazia n'esse velho e pequeno paiz, lutando sem treguas pela influencia dominante nos negocios publicos. Allemães e Tchecos, inimigos irreconciliaveis e intrataveis combatem sem cessar, procurando adquirir uns e outros toda a preponderancia nas assembléas de Praga. É assim que este ultimo o verdadeiro partido nacional do antigo reino da Bohemia conseguiu ultimamente do primeiro ministro austriaco a promulgação de uma lei tornando obrigatorio o emprego das duas linguas tcheca e allemã em todos os serviços administrativos e judiciaes da Bohemia, repartições que até então só se serviam da lingua allemã como official.

Esta lei produzio no campo allemão o effeito de um verdadeiro grito de guerra, subindo a exaltação do mesmo a um ponto até agora desconhecido, sendo o senhor Conde Badeni forçado a convocar os notaveis d'esses dous partidos, procurando conciliar-os n'essa intrincada questão de antagonismo de raças. Os allemães recusam-se a comparecer e a entrar em qualquer accordo antes que seja retirada a ordonnance que garantio á lingua tcheca uma posição official.

São estes os dous serios problemas que embaraçam actualmente a marcha regular do governo austro-hungaro, impondo ao primeiro ministro de Francisco José uma ardua e dura tarefa. O velho Imperador e Rei, guardará, como é de seu costume, nas graves crises politicas pelas quaes passa o imperio, todo o seu prestigio e autoridade para intervir em ultimo recurso, e essa intervenção patriarchal do chefe supremo da nação, respeitado e acatado pelos seus subditos, tem conseguido, sempre, acalmar as rivalidades d'essas raças heterogeneas, que constituem o imperio Austro-Hungaro.

M. BOTELHO.



FRANCISCO-JOSÉ, Imperador da Austria.

O Snr. Félix Faure em São-Petersburgo

E A

Alliança Franco-Russa

No dia 31 de Agosto, Pariz embandeirou e illuminou para festejar o regresso do Sr. Felix Faure e commemorar a assinatura do tratado de alliança com a Russia. E n'este dia de alegria e tranquillidade, uma grande esperança brilhou, como uma auro-ra, para além dos Vosges, e a França armada e forte, ao braço forte e armado da grande nação slava, meditou no passado glorioso da sua historia, deu o balanço á sua energia contemporanea, e alegre, a cantar — por habito e por que a cantar venceu e padeceu — caminhou desassombradamente para o futuro, fortalecida e asserenada d'essa grande amizade que lhe viera do maior imperio do mundo.

Patria da intelligencia e da imaginação, absorvida, bohemia e confiante, a França achara-se de repente só, abandonada e perseguida, em Sedan. Todo o mundo que ella illuminara com o esplendor do seu genio, todos os povos a quem ensinara a sciencia que eleva e a arte que nobilita; todos os homens a quem prégara a egualdade e a liberdade, deixaram-na debater-se na embuscada que lhe preparara Bismark, e cair por fim gloriosamente vencida.

A velha Europa corôada e benzida, que não esquecera a revolução de 1793 e menos perdoára o

genio de Voltaire, quasi se felicitou do desmembramento da turbulenta nação que proclamára os direitos do homem e fizera d'um mendigo o

egual de um rei. A lembrança d'aquelle pequeno plebeu de cabello curto e chato, de nariz em bico de aguiá, que de cabo d'esquadra subiu a imperador e teve sob a sua bota as corôas e a tiara, não pouco concorreu tambem para o arrepio de satisfação que passou pelas almas dos soberanos europêos — mas não pelo coração dos povos — quando o chanceler allemão, tendo em seu poder a monstruosa indemnisação de guerra, a Alsacia e a Lorrena, declarou que a França não mais se levantaria.

Como o grande ministro da Prussia, n'estes ultimos dias da sua já pesada existencia, deve philosophar sobre a fragilidade dos juizes humanos! E como a derrocada do seu plano de estadista e de patriota lhe deve parecer terrivel e irremediavel, á claridade esplendida

d'esta França resuscitada, d'esta republica renascida, dominando novamente o mundo pela intelligencia; rica, poderosa, adulada e temida, dando a mão ao Tzar de todas as Russias.

Nunca, com effeito, a França, depois de Luiz XIV attingiu uma tal prosperidade.

Apezar dos grandes revezes que passaram sobre



O Tzar a Tzarina e a Grande-Duqueza Olga.

a sua historia militar, ella conservou n'este seculo a supremacia intellectual e continuou a assombrar o universo pelo seu genio e pelo seu trabalho.

Na sciencia produziu: Arago, Ampère, Monge, Carnot, Leverrier, Gay-Lussac, Claude-Bernard, Berthollet, Chaptal, Chevreuil, Cuvier, Saint-Hilaire e Pasteur...

Na Philosophia: Littré, Lamennais, Augusto Conte e Renan...

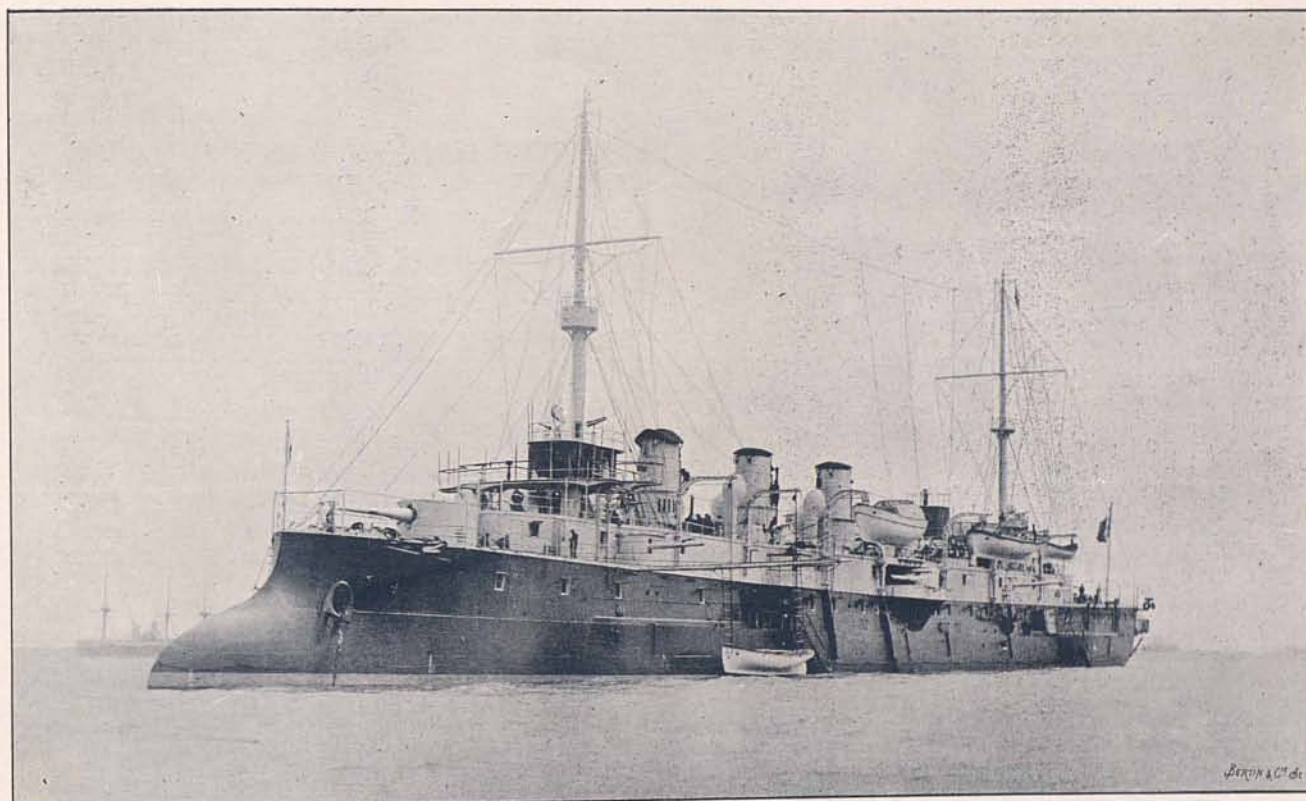
Na Historia: Michelet, Louis-Blanc, Thiers...

Na Litteratura: Lamartine, Châteaubriand, Balzac, Musset, Hugo, Flaubert, os Dumas e os Goncourt...

didias, fizeram-se *muito fortes*, como lhes aconselhara Alexandre II, tzar d'esse colossal imperio que hoje marcha a seu lado para manter a paz *segundo a equidade e a justiça*.

Todos os amigos da liberdade, e em particular os amigos da França, devem regosijar-se d'este acontecimento, por que elle assegura á patria de Jean-Jacques Rousseau a paz e a tranquillidade de que ella carece para continuar a guiar os homens no caminho d'emancipação e de fraternidade, que — longe das absurdas concepções absolutas — conduz á adoração da verdade, á glorificação do esforço humano e ao amor do proximo.

LUIS SERRA.



O couraçado francez « Dupuy-de-Lôme »

Na Musica: Berlioz, Auber, Gounod, Bizet, Ambroise Thomas...

Na Pintura e na Esculptura: Meissonier, Corot, Delacroix, Rude...

E isto sem contar os que actualmente illustram a patria franceza em todos os ramos da actividade humana, brilhante pleiade cujos nomes resoam pela terra fóra.

O governo da republica encheu a França de escolas, as fortalezas de soldados e os portos de navios, a sua marinha e o seu exercito são dos mais poderosos do universo. Á superioridade do cerebro, os vencidos de 70 comprehenderam que era preciso juntar a robustez do braço; e na esperança de reconquistar as queridas provincias per-

DE DUNKERQUE A CRONSTADT

O Sr. Felix Faure, partiu de Dunkerque, no dia 17 de Agosto, saudado pelas aclamações de toda a população, que tinha embandeirado e decorado brilhantemente a cidade e que nos cões, nas pequenas embarcações, em todos os pontos enfim d'onde se podia avistar a partida da esquadra presidencial, fazia um adeus ao chefe do estado e ao mesmo tempo uma saudação ao paiz amigo.

A esquadra presidencial compunha-se de tres couraçados: O *Almirante Pothuaeu*, o melhor navio da esquadra franceza e um dos melhores barcos de guerra que se têm construido n'estes ultimos tempos; o *Surcouf* e o *Dupuy-de-Lôme*.

A viagem fez-se nas melhores condições e quatro dias depois, a esquadra franceza entrava na bahia de Cronstadt, onde começou a triumphal recepção que acolheu o presidente da Republica franceza, na Rússia.

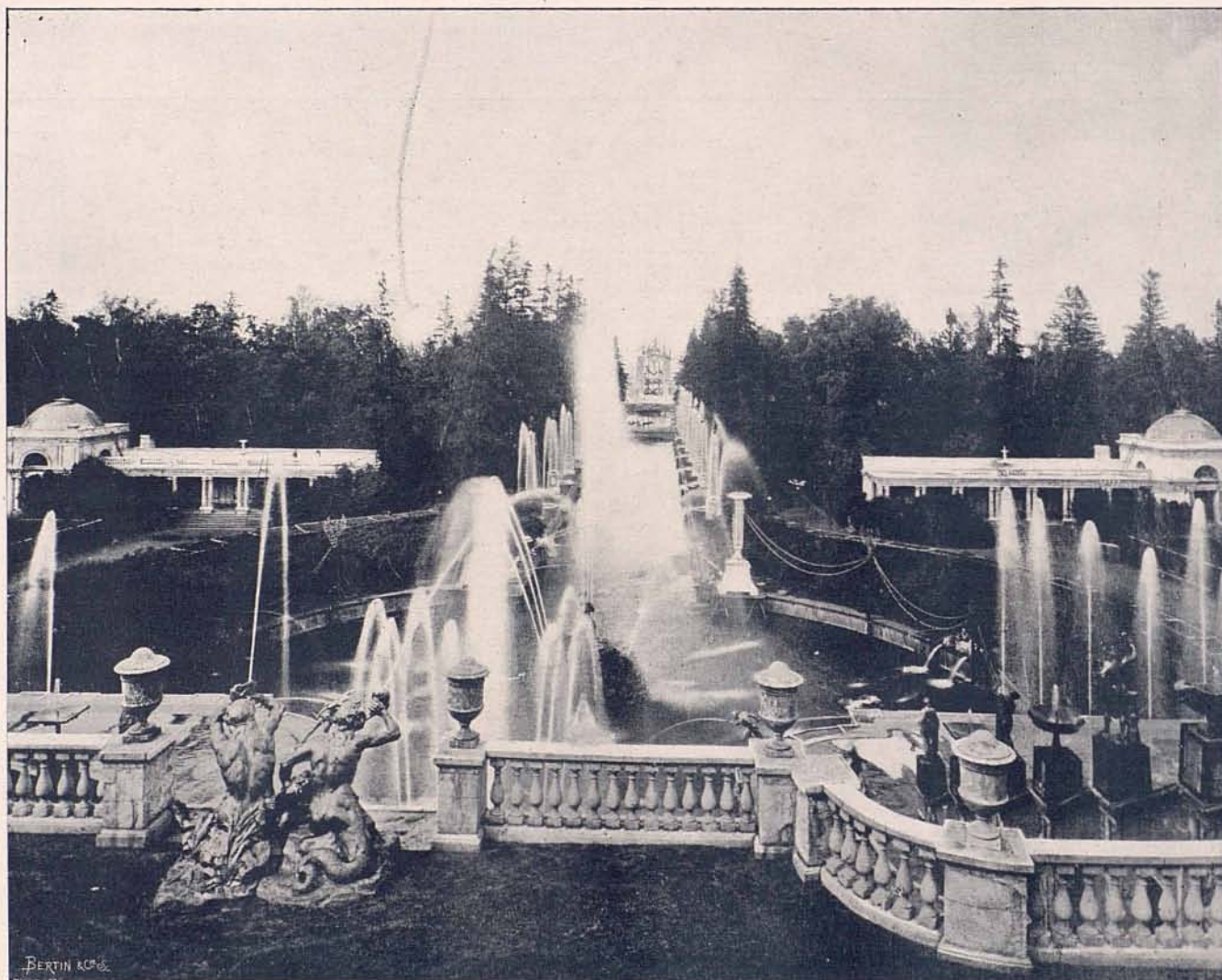
EM CRONSTADT

Logo que a esquadra é avistada no horizonte, o yacht imperial *Alexandria* avança ao seu encontro, precedido do *Strela* outro yacht do tzar, tendo a seu bordo o grande duque Alexis e que a todo o vapor vae buscar o presidente Felix Faure a bordo do *Pothuau*, para o

Ahi, no caes, o Tzar apresenta ao Sr. Felix Faure todos os grandes duques e, atravez do parque, o cortejo avança, no meio de uma manifestação unica, em que os vivas são delirantes e os ramos de flôres chovem sobre a carruagem do Imperador e do Presidente.

Os homens e as mulheres têm todos os laços tricolores, as côres de França e as crianças agitam bandeiras russas e francezas.

Tendo chegado ao Palacio de Peterhof, onde o Sr. Felix Faure occupa os aposentos que antes tinham occupado os imperadores da Austria e da Allemanha, o pre-



Os jogos de agua nos jardins de Peterhof.

trazer até ao *Alexandria*, que a meio caminho diminuia a marcha para facilitar a abordagem. No momento em que o Sr. Felix Faure sobe a escada do *Alexandria*, o Tzar avança e, ao portaló, dá-lhe um affectuoso e apertado abraço, enquanto sobre as vergas de todos os navios ancorados na bahia de Cronstadt, os marinheiros soltam os vivas, os canhões salvam e do innumero cortejo fluvial, milhares de assistentes aclamam a França.

No meio d'este scenario phantastico e d'esta multidão alegre e entusiastica o yacht *Alexandria* tendo içado o pavilhão francez ao lado do pavilhão russo, navega para Peterhof.

sidente vae cumprimentar a Tzarina, enquanto no parque as musicas tocam a Marselheza.

EM SÃO-PETERSBURGO

No dia seguinte, depois de ter visitado o Asylo das Crianças em Peterhof, o Sr. Felix Faure embarcou no *Alexandria* acompanhado dos generaes russos e francezes, que lhe faziam escorta de honra e ás onze horas desembarcava no caes Nicolao onde foi recebido pelo *maire* de São-Petersburgo e as authorities diplomaticas e militares.



A PERSPECTIVA NEWSKY

Principal Avenida de São-Petersburgo. — À direita, vê-se a torre da Camara Municipal.

Uma menina deu-lhe as boas vindas e offereceu-lhe um magnífico ramo de flê-res. O presidente da Republica Franceza agradeceu vivamente commovido e dirigindo-se aos soldados, que formavam a guarda de honra, disse em russo : *Zdarva molodtsi!* (passai bem meus bravos) o que tendo sido ouvido pela multidão transformou o entusiasmo em delirio.

O presidente subiu a um esplendido *landau* escortado por um pelotão de cosacos e atravez das ruas apinhadas de espectadores dirigiu-se para a cathedral de Pedro e Paulo onde foi depôr um ramo de ouro sobre o tumulo de Alexandre III. Esse sarcophago estava coberto pelas corôas

que de França foram enviadas aos funeraes do grande Tzar. No meio de um silencio religioso, o presidente avança para o tumulo e depõe a offerta da França : um ramo de oliveira de oiro finamente cinzelado.

À saída da cathedral o presidente da Republica e o seu cortejo vão fazer uma visita ao Hospital Francez e em seguida uma respeitosa romaria á *Casa de Pedro o Grande*. Sabe-se que esta casa, excessivamente pequena e modesta foi mandada fazer pelo immortal Tzar nas margens do Neva, para fiscalisar a construcção de São-Petersburgo.

Esta casa é o objecto de uma grande veneração da parte dos russos que a conservam preciosamente.

A construcção que se vê na nossa gravura, não é



Templo grego nos jardins de Peterhof.

essa casa, mas o revestimento exterior que o governo mandou fazer para proteger das intemperies essa historica habitação.

O Sr. Felix Faure visitou o quarto, transformado em capella e examinou depois os objectos feitos por Pedro o Grande, um banco, uma cadeira, etc.

N'esse momento, o Tzar veio buscar o Sr. Felix Faure para irem inaugurar a ponte Troïtsky, uma nova ponte que atravessará o Neva quasi em frente da cathedral de Pedro e Paulo.

N'este sitio, a multidão, — que era enorme em todo o percurso do Presidente — tomou proporções de tal modo collossaes, que por diversas vezes o serviço d'ordem foi interrompido.



A Cathedral de Pedro e Paulo onde está o tumulo de Alexandre III.

O Tzar avançou tendo á sua direita o Sr. Felix Faure. E logo o *Maire* de São-Petersburgo vem offerecer-lhes a colher e o martello symbolico, com que os dois chefes d'estado esboçam os primeiros trabalhos de construcção.

A decoraçáo da cidade n'este ponto era muito rica e pittoresca. Uma grande estatua da Paz dominava magestosamente o rio, onde numerosas embarcações ricamente ornadas, davam a esta cerimonia o aspecto de uma sump-tuosa festa veneziana.

Depois de ter feito ainda uma visita á cathedral de

tiva não se mostrou inferior á de Pariz. Em todas as ruas, mesmo nas mais pobres, as bandeiras ornavam todas as janellas e os lampiões punham á noite, uma claridade de festa. Nas principaes ruas : a *Perspectiva Newsky* e a *Grande Moskãia*, as decorações e illuminações eram de um deslumbrante effeito principalmente nas proximidades da Camara Municipal, onde um monumental arco de triumpho tinha sido levantado, no meio de grandes bosques de plantas raras e de tropheos franco-russos.

Por toda a parte bustos do Tzar e do Sr. Felix Faure, estandartes mixtos symbolizando a alliança, disticos



A Cathedral de Santo Isaac.

Santo Isaac, onde todo o clero vem recebel-o á porta e onde são ditas preces pela França, pela Russia, pelo Tzar e pelo Presidente, o Sr. Felix Faure entra no Palacio de Inverno, aonde lhe foram guardados magnificos aposentos durante a sua estada em São-Petersburgo.

AS FESTAS EM SÃO-PETERSBURGÔ

Se o Tzar, o governo e as instituições officiaes procuraram imitar o esplendor das festas que a França fizera o anno passado aos Monarchas russos, a população de São-Petersburgo pelo seu entusiasmo e pela sua inicia-

collossaes saudando a França e o seu representante.

À noite as illuminações transformaram a fria capital russa n'uma cidade de magia, e o fogo d'artificio queimado nas margens do Neva, rolou cascatas de ouro e pedrarias e desenhou no espaço ennevoado matizados feixes de luz.

É impossivel descrever o entusiasmo russo. Por toda a parte onde os marinheiros francezes passam levados em triumpho, a multidão em delirio, grita, gesticula, acclama a França, quer abraçar os seus representantes, e a policia tem um penivel trabalho para manter este entusiasmo que querendo cariciar ameaça esmagar.

Para dar uma idéa do que foi esta grande festa basta dizer que o Sr. Felix Faure recebeu milhares de presentes, desde as valiosas lembranças do Tzar e o prato de ouro esmaltado de um valor de 150,000 francos offerecido pela municipalidade de São-Petersburgo, até aos bolos, ás fructas geladas e aos cigarros, que enviaram as pequenas localidades de Provincia.

A REVISTA DE KRASNOIE-SÉLO

No dia seguinte o Sr. Felix Faure, assistia no campo de Krasnoie-Sélo a uma grande revista militar onde tomaram parte 50,000 homens : 59 batalhões, 43 escadrões, 14 *sotnias* de cossacos, 15 baterias e 200 canhões.

O presidente da Republica Franceza assistiu á revista ao lado da Tzarina, na barraca de campanha imperial, ao passo que o Tsar, a cavallo e á frente dos grandes duques se collocou deante do pavilhão um pouco para a direita.

A revista foi admiravel, as tropas enthusiasnadas pelas aclamações do povo, mostraram um *entrain* verdadeira-

mente exceptional, principalmente a cavallaria que executou as marchas e as cargas de uma maneira surpreendente.

Finda a revista, os imperadores e o Sr. Felix Faure, dirigiram-se para um grande pavilhão magnificamente decorado, onde teve logar um jantar a que assistia todo o estado maior militar, e onde se trocaram enthusiasmaticos brindes.

A REVISTA NAVAL

O ultimo dia que o Presidente Faure passou na Russia, foi consagrado á revista naval que teve logar na bahia de Cronstadt, e foi ahi, que ao almoço servido a bordo do couraçado *Rossia*, o imperador e o presidente declararam publicamente, em dois *toasts* commovidos, a alliança das duas nações, feita de ha muito pela mutua sympathia dos povos, mas só definitivamente scelada na vespera, por um tratado feito e assignado no Palacio de Peterhof.



A casa de Pedro o Grande.



O Palacio de Inverno e a columna de Alexandre.



A FORÇA DO NOME

I



URANTE as férias da Paschoa Pariz é invadida pelos estrangeiros e provinciaes, e os residentes que não vivem em casa são perturbados nos seus habitos, acham com difficuldade um fiacre, encontram os seus logares no restaurant occupados por figuras extranhas e desistem de passar pelos theatros depois do jantar, se não tomaram bilhete de vespera. As pessoas para quem o tempo não existe podem mesmo se aperceber por esse atropelamento periodico das migrações annuaes que é tempo de « olhar para um ceu novo com olhos envelhecidos, » de bocejar á monotonia da vida que se repete, ou de festejar a perpetua novidade das horas que se succedem, maravilhosamente várias.

As festas da Paschoa trouxeram-me á casa este anno um amigo, um inglez com quem já vivi sob outros céus e que me não esqueceu. Com elle recapitulei os annos passados, renovei conhecimento com a sentimentalidade, a educação da outra raça, cruzei modos de vêr e arejei a curiosidade das outras existencias, que a cultura exclusiva da nossa nos faz perder. Andei por fóra, andando com elle, e o meu espirito, como as ruas, os restaurants e os theatros de Pariz pela Paschoa, tambem foi invadido por uma multidão de sensações senão novas pelo menos renovadas e o meu caderno de endereços se encheu de nomes novos. *Fiz* muitos conhecimentos, e, como estava na crise da curiosidade, cheguei a aprender a vida de pessoas que não giram no meu circulo.

Um d'esses conhecidos da Paschoa foi o inglez que chega tarde ao jantar, no Vian.

O Vian é um pequeno restaurant da rua Daunou, defronte da rua Volney, socegado e quasi familiar, com um vago ar de *table d'hôte* americana, muito frequentado por estrangeiros, inglezes e americanos pela maior parte, Tem tres mesas

em baixo e em cima duas salas e varios gabinetes. Na sala maior, á esquerda da escada quasi a pique, ha duas ou tres mesas habitualmente occupadas pelos jornalistas inglezes, correspondentes do *Times*, do *Daily Telegraph*, de agencias americanas: um escocez muito velho, pequeno e tropego, muito vermelho, de cara rapada, bocca fina e forte nariz adunco, que bebe *whisky* e falla sempre e ri como se soprasse para dentro de um garrafão; um homem sem idade, sem voz, sem alegria, de oculos, grande barba castanha, que ainda mais lhe afina o rosto e que, com as suas mãos pequenas e o largo lombo curvado e triste emquanto lê, faz pensar n'um archiduque reporter; um typo á Stanley, de bigode grisalho, bocca firme e olhos duros; um moço londrino, alto, bonito, claro, olhos e cabellos negros, ingenuo e affectado, fallando como se tivesse febre ou se se levantasse para sahir pelo frio ás cinco da madrugada; o resto é mocidade sem bigode, que vêm irregularmente e come ás pressas, continuando as conversas ou as scismas lá de fóra.

Com toda essa gente M. Léon trata em francez entremeiado de palavras inglezas; com o inglez que chega tarde falla rigorosamente a sua lingua, como convém a um recém-chegado.

No domingo de Paschoa, de volta de Saint-Germain com o meu hospede, tambem chegámos tarde para achar logar nas salas do Vian, e nos deram um triste gabinete reservado, a que deixámos a porta aberta. Ainda não tinhamos combinado a lista, ouvimos o gerente explicando no corredor ao inglez que chega tarde a affluencia anormal dos dias de Paschoa, e, como o outro respondesse resignadamente, o meu amigo reconheceu-lhe a voz e me pediu licença para o convidar a jantar comnosco.

Foi buscal-o e trouxe-o, de mão pelo hombro, affectuosamente. Cumprimentos, discussão da composição do jantar, considerações sobre a inva-

são de Pariz pelos estrangeiros, e veio a sopa. Com o primeiro copo de vinho a suggestão dos nomes abriu o capitulo da geographia gastronomic. D'ahi se escorrega facilmente para as viagens e aventuras pessoais, e fica estragado um jantar. Mas M. Fabius Bennett fallou levemente e impessoalmente, sem parecer dirigir a conversa, mas facilitando a escolha dos assumptos em que não ha these a defender nem convicções a exprimir. Como todos os inglezes, pendia para o humour, os contrastes comicos, a caricatura sem satyra, isto é, sem odio e sem depressão da humanidade que ha nos creaturas mais ridiculas. A anedocta vinha a proposito e caracteristicamente; fazia de illustração psychologica. E o que havia de informação secca no que dizia tinha o vigor e a nitidez dos algarismos de uma noticia bem dada.

De sorte que, sem fallar de si, esse homem impressionava como uma força intelligente. A força intelligente é triste. Elle tinha o ar de quem acaba de fazer o giro das cousas e não encontrou o que esperava atraz d'ellas. Era de fadiga ou desencanto a sua expressão, não de amargura. D'ahi vinha que, sendo superior, era sympathico. Tambem tinha o physico que predispuha em seu favor: alto e fino, porte sem abandono, olhar direito e manso, corrigindo a expressão um pouco dura da bocca e queixo fortes. E a testa era alta, branca, lisa, como a testa dos que pensam muito e sem violencia. Sem esforço tambem lhe vinham as phrases inteiras, curtas e frisantes, de bom cunho, facilitando a emissão da voz calma e de timbre um pouco surdo, mas sempre afinado nas inflexões — uma eloquencia que se poderia chamar de bom estylo de chronista. A uma sentença sua particularmente feliz, precisa e cheia de vibrações, fiz um gesto para interrompel-o e elle parou:

— Estava a pensar na idade que o Sr. terá...

Elle sorriu, comprehendendo, e sem insistir:

— Vinte e oito... Antes do jornalismo fui secretario de meu pae. É o que me envelhece a prosa.

N'essa noite foi tudo o que disse de si. Estava de gravata branca. Tinha de ir a um sarau mundano, e nos separámos á porta, já quasi ás onze horas.

— Como está mudado o Fabius... disse o meu amigo, quando nos achámos sós no boulevard des Capucines.

— Exquisito nome para um inglez — Fabius!

— O pae era um lettrado classico... Se havia de chamar o filho Barney, Algernon, ou Treve-

lyan... O que não comprehendo é porque veio elle trabalhar em Pariz, quando em Londres o seu nome de jornalista estava feito. E já é a segunda sortida que faz...

A noite estava linda e, andando pelo meio da multidão festiva, deixámos cair a conversa para os espectaculos variados do rua franceza, tão diferente da rua ingleza, soturna mesmo nos dias de festa. E não fallámos mais de M. Fabius Bennett e no dia seguinte o meu amigo voltou para a Inglaterra.

Mas eu continuei a frequentar o Vian e a conversar com o inglez que chega tarde.

Uma noite em que já ia sahir quando elle entrou lamentei que o seu trabalho diario o obrigasse a vir jantar quando já a posta de roastbeef estava no fim e as salas tresandavam a tabaco, de mistura com o cheiro dos molhos fortes, na melancolia das mesas abandonadas e desfeitas.

Elle sacudiu a cabeça, sorrindo constrangido e com alguma enervação na voz replicou:

— Não é o trabalho, que eu sempre acabo cedo. É a propria relaxação á suggestão do nome que me infelicit. Nas circumstancias em que só eu posso soffrer com o chegar atrazado abandono-me á fatalidade, com um vago sentimento de que a cultivo e lhe dou prestigio. Ás vezes mesmo penso que o meu caso é o dos negros da Africa que fabricam um fetiche e depois tremem deante d'elle. Mas toda a gente carece de um fetiche. Imagine, se puder, a treva sem phantasmas...

Fabius Bennett estava nervoso. Percebi que ia ter a historia e esperei que m'a contasse á sobre-mesa.

II

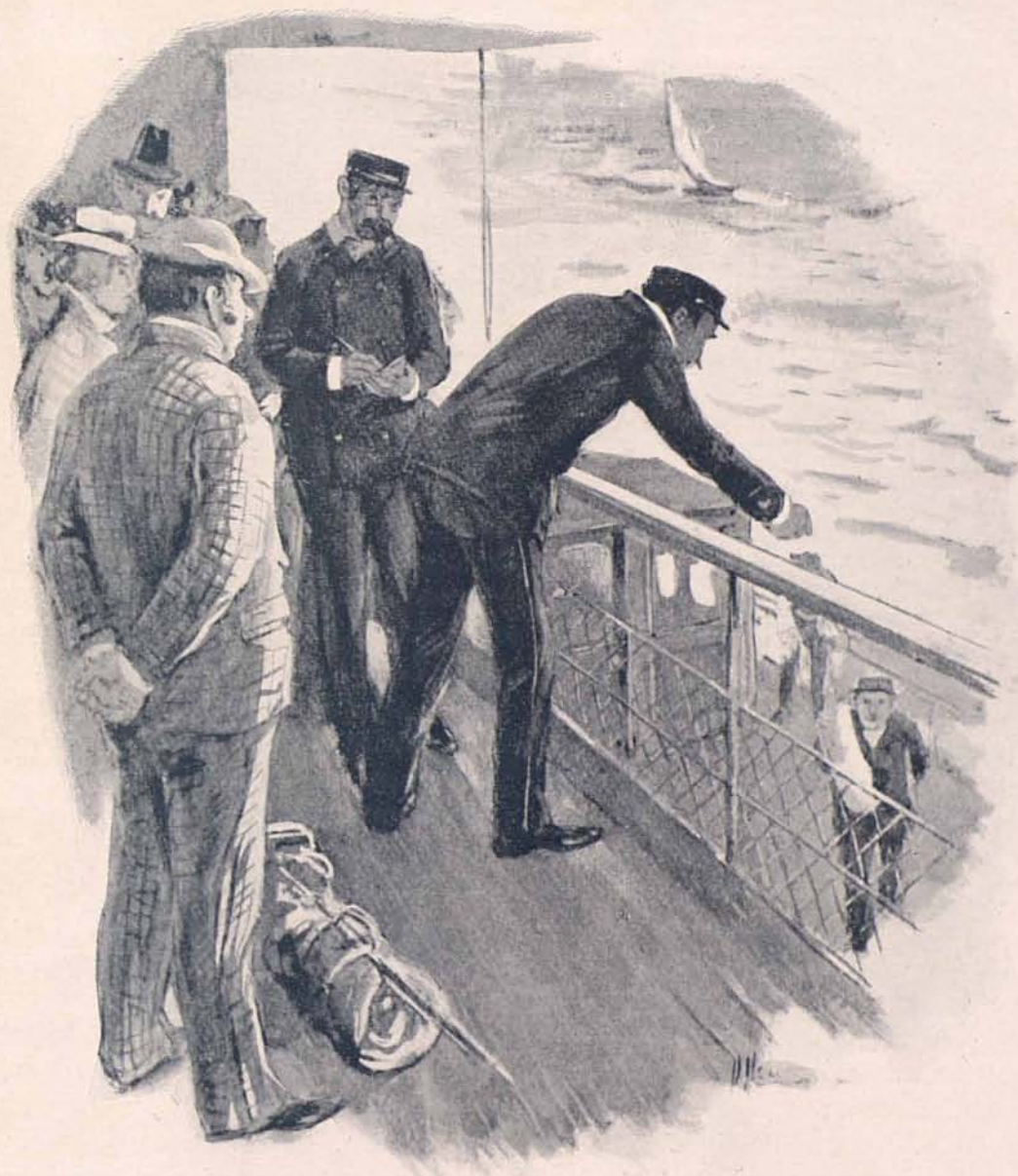
O pae de Fabio era diplomata. Rolando pelas capitães dos dous mundos, ao acaso das combinações da Carreira, o menino cresceu e se educou sob as vistas do pae. Educação anormal, excessiva, deformante, imperfeita. Já a frequente mudança de horizontes predispõe para a inatención ao mundo exterior. Os rostos diferentes e sempre extranhos, as vozes, linguas e maneiras das aias, dos preceptores, dos *amigos*, o embotamento das sensações de novidade, crearam no pequeno a indifferença pelas pessoas que o rodeavam.

Cedo entrou na vida séria do espirito, e quando começou a pensar com fins determinados o seu raciocinio não soffreu a perturbação dos sentimentos. As generalisações lhe foram faceis, a falta de

sympathia pelas cousas tomadas isoladamente clareando-lhe as linhas de formação dos typos abstractos. O pae, que lhe dava a réplica nas discussões, se desvanecia de vel-o peloticar com palavras carregadas de abstracção e sem se esquecer do seu significado « Fabio rasga um sophisma com a segurança de um cirurgião abrindo um abcesso », dizia elle. No corpo de uma argumentação ata-

de um trem expresso, fugitiva, desinteressante.

Nem sabia para onde assim corria n'essa desencantada jornada. Ia com o pae e o pae lhe era razão e fim da vida, presente e futuro, ternura e religião. E um dia o pae morreu. Tinha elle vinte annos. O primeiro momento foi de estupor, como de quem sobrevivesse á explosão de um mundo e se achasse de pé entre os destroços, apavorado e solitario.



viada e florida o menino percebia sempre o esqueleto da boa ou má doutrina : sabia logica como um bom cirurgião sabe anatomia, por necessidade, não por curiosidade ou presumpção. Nem satisfações de orgulho por comparações de saber — vivia sósinho ou tratava com pessoas acima da sua idade, nem alegrias de descobrir campos novos de conhecimento — a vida lhe passava por deante dos olhos como uma paizagem vista pelas janellas

Depois veio uma grande miseria moral — a incerteza dos destinos, a necessidade de agir e a falta de objectivo, de ambição que o estimulasse. De grisalho que era tornou-se negro o seu horizonte. Por felicidade os nervos lhe obedeciam. Fabio não desatinou, deixou-se ficar quieto, dando tempo ao tempo.

« Unica vez em que o meu nome me protegeu » explicou elle. « Meu pae, que ás vezes me cha-

mava de Cunctator, não se impacientava com o meu desdem das horas, dos dias, das estações, que me não affectavam desde que para mim não havia obrigações de prazos, e, cuidando que era confiança, dizia que « il Tempo è galantuomo ». Nas grandes occasiões, sim. Mas bem se engana quem se reclama d'elle para as bagatellas da vida. Ah! elle é mesquinhamente tyrannico. E como quasi toda a vida é feita de bagatellas e pequenos prazos, o martyrio que me tem sido a tyrannia do tempo!...

— E escolheu a profissão em que a contagem do tempo entra por metade no successo das carreiras... Pois no jornalismo chegar a tempo não é metade do talento?

— Para um reporter, disse quasi orgulhosamente o inglez. Com esses certamente não concorro eu. Mas mesmo para os artigos de critica e de previsão politica ou social a antecipação não me tira a agonia de os fazer dentro do prazo. Só a dignidade profissional... Certamente não escolheria esta profissão, se pudesse...

Não trabalhara para ser jornalista. Quando o pae morreu Fabio estava no Chile. Era em 1890 e, senhor dos elementos politicos representados na luta entre Balmaceda e o Congresso, elle escrevera a um tio resumindo a situação, « estabelecendo a partida », como dizia. O tio communicou a carta ao *Morning Post* e o jornal conservador fez uma ponte de ouro ao joven collaborador.

Quando terminou a guerra civil do Chile estava elle feito jornalista politico. Veio para Londres e annos inteiros resumiu o mundo para os leitores do seu jornal. Tambem annos inteiros, como uma machina de vibração continua, não desamparou o seu posto e duas vezes por dia a lama eterna de Fleet Street e do Strand, o nevoeiro e o tisne das ruas tristes do bairro da imprensa á sombra do campanario de Santa Maria o viram passar rapidamente, portador de informações e noticias graves, conselheiro desinteressado e sem entusiasmo, juiz de querellas e apreciador de culpas communs.

Nascido e criado em cidades, o rumor e o tumulto das cidades era favoravel á expansão das suas faculdades naturaes. No meio das ruas apinhadas de povo elle se sentia no seu elemento como o marinheiro entre o marulho das ondas, e enquanto abria caminho por entre a humanidade sombria do Norte no seu espirito se ia compondo a exposição dos problemas politicos, das aspirações nacionaes, das ambições pessoaes que se agitam perennemente nos longinquos paizes do sol.

Sómente, para sustentar em boa altura a produção jornalística n'essas condições é necessaria uma existação febril, que continuada gasta o corpo. Quando uma noite, antes de acabar o seu artigo sobre as pescarias de Bering, começaram a lhe zunir os ouvidos e a bater-lhe as fontes mais cedo que de costume, Fabio levantou-se da sua banca de escripta e foi mirar-se ao espelho da chaminé em cuja lareira ardia um fogo terrível de carvão. Os reflexos do fogo combinados com a claridade mais forte das lampadas electricas lhe escaveiravam o rosto descorado, accusavam-lhe o pisado dos olhos, criavam-lhe rugas, mostravam-no envelhecido e com um ar de fadiga immensa. Já de manhan o amargor da bocca e, longos minutos depois de abrir os olhos, a sensação pungente da inutilidade do esforço para viver eram um mau symptoma. O contemporizador recebeu que já fosse muito tarde. Entretanto lembrou-se da proposta que lhe fizera o director de dar-lhe um substituto por um mez, enquanto elle ia espairecer um pouco pelo continente e telegraphou a um amigo em Florença, annunciando-lhe que acceitava o seu convite de ir passar com elle as suas primeiras férias, e que chegaria d'ahi a tres dias.

O amigo de Florença era Lello Mathey, o romancista, filho de um collega e amigo do pae de Fabio. Tinham vivido juntos em Bucarest e Fabio poz-se a pensar que em dez annos as duas irmanzinhas de Lello estariam de certo umas lindas moças e que Mrs. Mathey, já tão apagada n'aquelle tempo, devia ser uma sombra agora.

Os Matheys moravam fóra da cidade, n'uma villa do lado de San Miniato. O sol de Dezembro já ia muito baixo quando elle chegou, e quasi toda a banda do Oltrarno estava em sombra. Entretanto nos altos as oliveiras cinzentas se douravam aos derradeiros raios do crepusculo e os cyprestes pareciam mais negros de encontro á téla reluzente do ceu. As casas semeadas pela encosta e todo o valle do Arno jaziam n'uma leve bruma transparente e fina como uma luz azulada, como se a paizagem fosse vista atravez de um immenso crystal colorido de violeta pallido. O carro tinha vindo á disparada atravez da famosa Porta Romana e pelas avenidas melancolicas que foram a expansão da cidade no tempo em que era a capital da Italia, ha trinta annos. Mas para subir as ladeiras o cocheiro moderou o passo aos cavallos e Fabio teve tempo de se embeber do encanto da paizagem, de se amollecere para o repouso, senão para as sensações suaves. Já de antemão lhe

agradava que a morada fosse longe da cidade e das suas festas.

A família desceu toda a recebê-lo quando o carro parou á porta do jardim. Lá estavam os olhos conhecidos, os sorrisos amigos, as palavras cor-

não assentava, não dizia com a expressão amena e quasi simplória do rosto largo, dos olhos pequenos e socegados.

Rosa dera o que promettia a menina bonita e forte, de aspera cabelleira revolta, parecendo



diaes e as mãos estendidas de Lello, de Rosa, de Mila e no quadro de uma janella emoldurada de vinha a touca branca e os oculos e o rosto pallido e murcho de Mrs. Mathey.

Lello tinha engrossado, alargado de hombros e deixado crescer uma barba á italiana, que lhe

sempre prompta para um salto, como um animal arisco contido a custo. Amansara ficando moça e os cabellos de tinta mais escura agora se sujeitavam ao penteado, apenas mais tufante, desequilibrado logo que a gesticulação se exagerava. Os olhos eram os mesmos, mais seguros de expressão,

mas sempre atrevidos, muito claros e direitos, olhando com uma segurança de quem entende tudo e não vê sombras na vida.

Mila é que mudara. O que elle viu primeiro foi o nimbo luminoso dos seus cabellos de ouro. No jardim em sombra elles brilhavam como se reflectissem o sol. Depois, no rosto de belleza quasi sevêra, de tão puras linhas, os olhos de um azul escuro e profundo levemente quebrados, se adocavam ainda mais com a côr dos cilios que os franjavam de ouro, e a bocca activa e quasi dura em repouso tinha o sorriso captivante, irresistivel, era pathetica de expressão. E os movimentos do seu corpo esbelto, bem talhado em todas as linhas, eram de uma harmonia graciosa e fina.

Entre os apertos de mão, os cumprimentos de boa vinda, os gracejos cordiaes entre gente familiar que se torna a vêr ao cabo de longos annos, Fabio começou a sentir formar-se em si um estado d'alma que lhe não era habitual, uma mistura de admiração pelo que via de novo, de saudade do tempo em que viveram juntos, de interesse mais forte do que a simples sympathia pela vida serena d'aquelle amavel grupo. Pela primeira vez n'essa noite foi distrahido á conversa no salão onde outras pessoas se reuniram em visita depois do jantar. Os outros attribuiram a sua absorção á fadiga da viagem. Elle estudava as causas da sua perturbação e emquanto animava com uma fingida e polida attenção a conferencia de um *fellow* recém-chegado a Florença e que não perdeu tempo em dizer o que sabia sobre os Medicis, Savonarola e Miguel Angelo, acabou por concluir que o interesse que tomava por aquella gente provinha de a ter conhecido n'um periodo anterior do seu desenvolvimento. Vêr sempre cousas novas fatiga; as cousas velhas immoveis, monotonas, acabam por escapar á attenção. O que interessa é o que se transforma sob os nossos olhos, e a comparação dos varios estados de uma transformação, de accordo com as previsões que sobre ella fizemos ou as contrariando, é a determinante do nosso sentimento e seu criterio. A theoria explicava pelo menos provisoriamente o seu caso. A jornada da vida deixava de ser para elle uma corrida sem rumo atravez de paizagens anonymas entrevistas fugitivamente pelas vidraças de um trem expresso.

Fabio pediu que lhe mostrassem o seu quarto e foi dormir.

Dormindo sonhou com os cabellos de Mila, com o clarão dos seus olhos, um sonho em ouro e azul. No outro dia, pelo alvoroço e o meio cons-

trangimento que sentiu quando a encontrou no jardim, verificou que estava ennamorado. Conversaram passeando pela estrada ao sol claro da doce manhã de inverno, mas as palavras não pegavam. Ao cabo de dez annos de silencio parecem extranhas as vozes mais amigas. Os topicos antigos de conversa se desfaziam de inconsistencia e vetustez. E da vida nova ambos receiavam tratar, ainda sem pontos de partida para commentarios e affirmações inconsequentes. A chegada de Rosa e de Lello, descendo para o passeio, foi um allivio para elles.

III

O que aconteceu depois é mais facil de contar e se diz rapidamente. Fabio passou o seu mez de férias n'um completo enlevo, amoroso, descuidoso, feliz. Mas nunca lhe passou pela cabeça fallar a Mila em casamento. Nem mesmo em sentimento. Se ella o percebera e lhe correspondia era espontaneamente. O resto lhe parecia que seria tratar a cousa como um negocio. A idéa de posse era absurda, pensava elle. Aquella planicie ridente que vejo do alto da montanha, á distancia, desaparece quando desço e d'ella me approximo. O seu amor por Mila era um sonho de poesia e de belleza. Não era cousa que os prendesse por outros laços. Tanto que ao lado da sua paixão começou a cortejar uma bonita mulher que conhecera em Londres, cantora no *Covent Garden* e que estava morando n'uma villa fóra de Porta San Giorgio. Era uma creatura alegre e intelligente. Fabio gostava de encontral-a e um dia lhe pediu licença para a visitar. A cantora deu-lhe entrevista para o dia seguinte. Fabio sahiu a passeio com os Matheys e esqueceu a entrevista. Tres ou quatro dias depois montou a cavallo e dirigiu-se para a casa da cantora. Ainda bem não tinha posto pé em terra defronte da entrada, ella desceu a escada correndo e muita assustada.

— Vi-o de longe que chegava e vim pedir-lhe que se vá embora... Enganou-se de dia. Agora é tarde. Está cá o meu amigo!

Fabio pensou na fatalidade do nome, mas ali se achou ridiculo e fez frente ao destino.

— Não é razão para que me enxote da porta... E a chicara de chá que me prometteu?

A mulher levantou a voz involuntariamente e n'uma afflicção.

— Pelo amor de Deus, vá-se embora! Não quero uma desgraça por minha causa...

Uma janella abriu-se em cima e uma bonita calva e uns grandes bigodes fallaram de cima :

— Chama o jardineiro, Lena, e deita fóra esse pelintra... Que tens tu a conversar com um vagabundo?

A tenção era injuriosa, o homem era um marquez siciliano que conhecia o outro por lhe fazer a cõrte á amiga. Fabio atirou-lhe uma pilheria e o italiano lhe atirou um pote de flôres que quasi o mata.

Quasi o matou tambem uma estocada de florete d'ahi a dous dias no duello que terminou essa ridicula aventura.

Lello foi uma das testemunhas e passou uns dias muito infeliz em quanto se não certificou de que a ferida de Fabio não era mortal.

Outra infeliz foi Mila. Entre traição e loucura preferiu attribuir a aventura do amado a uma perturbação momentanea da razão. E quando elle se levantou em fins de Janeiro deu-lhe o braço para os primeiros passos da convalescença, esperando que elle n'um minuto de abandono se excusasse, se explicasse, se declarasse.

Fabio fallou sem vergonha da estrallada que fôra assumpto dos mexericos de Florença durante um mez, como se a cousa lhe não fosse pessoal. E terminou por communicar á desolada menina um telegramma da direcção do seu jornal que lhe propunha uma excursão á America, como *special* para dar noticias da revolta de Cuba.

— « Você agora não pôde viajar... » disse a menina ansiosamente.

— Ha um transporte de guerra que parte de Barcelona levando tropas d'aqui a quinze dias. A minha passagem está arranjada n'elle por favor do embaixador de Hespanha que conheço. De Genova sahe um vapor para Barcelona a tempo. Porque não hei de partir?

Tinham chegado aos degraus da igreja de San Miniato e foram debruçar-se ao parapeito que circumda a pequena praça dedicada a Miguel Angelo.



Em baixo a cidade se alastrava cobrindo a varzea com a sua casaria branca, cinzenta, rosada, de um lado e d'outro da facha espelhenta do Arno postejado pela sua meia duzia de pontes. O Duomo e

o Palazzo Vecchio se destacavam da massa com uma grandeza e vastidão que a distancia ainda mais parecia accentuar. Ao Norte eram os picos nevados dos Apenninos e mais perto as encostas escuras das collinas que rodeiam o maravilhoso valle appareciam salpicadas de villas e aldeias, até aos confins do horizonte violaceo. Uma infinita doçura descia do ceu puro ou subia da paisagem aos seus pés.

Mila tinha o coração pesado, a bocca se lhe apertava patheticamente, e nos olhos lhe dansava a lagrima propicia, que segundo as circumstancias é de ternura ou de amargura. Olhava para Fabio. E Fabio discorria sobre a grandeza e a doçura da paisagem florentina. Rosa, que chegava inapercebida, commentou :

— Ai! o desastrado Cunctator... Se ao menos perdesse o vapor!

Não perdeu o vapor, porque as malas para a America do Sul chegaram tarde a bordo do *Regina Margheritta* que o devia levar. Embarcou na lancha do correio, já á sahida do porto de Genova, e o commandante, que sabia que era um jornalista o retardatario, lastimou os assignantes do seu jornal.

Entretanto em campanha Fabio se conservava nas primeiras linhas da informação, por saber escolher as suas fontes. Em Cuba passou dous annos, interessado no primeiro e captivo do dever no segundo. Quando percebeu que a revolta não revelaria mais nenhum aspecto novo, pediu a sua retirada. Tinha perdido de vista os Matheys, sem os ter esquecido, sem ter esquecido Mila.

E no mesmo dia em que chegou a Londres, voltando da City, o seu *hansom* cruzou-se deante de

Charing Cross com outro em que vinha Mila. Ella gritou-lhe um endereço, em Kensington. Lá foi n'essa mesma tarde. A creada respondeu que Mrs. Mathey não estava, mas que Mrs. Putnam recebia.

Entrou. Mila, sentada ao pé de um biombo japonez que a resguardava da reverberação do fogo, levantou-se a meio para lhe apertar a mão e ficou olhando para elle com um livro no regaço. Fabio levantou o livro.

— Pensei que Você já tinha lido Swinburne...

Um homem entrava na sala n'esse momento e Mila apresentou :

— Mr. Putnam. Cá temos de volta o nosso amigo, caro...

Fabio reconheceu no marido de Mila o *fellow* da noite da sua chegada a Florença. E quando o homem se distrahiu um momento, indo buscar uns papeis para lhe mostrar, o seu despeito de intellectual se manifestou mesquinhamente :

— Mila, logo o homem dos Medicis e de Savonarola! Aposto que é por causa d'elle que Você está *estudando* Swinburne!

Mila corou muito e não respondeu.

Fabio criou odio a Londres e veio para Pariz, onde além das chronicas politicas para o *Morning Post*, o seu principal officio era cultivar o fetiche do seu nome, não tendo pressa, que é como elle chama o chegar atrazado. Um dia me fez uma exposição das obrigações fetichistas, substitutivas dos cultos, na irreligião do futuro.

Ah! não é um louco. Nem um massante, porque a gente nunca o encontra quando chega cedo.

DOMICIO DA GAMA





A ILHA DE CUBA



UANDO Christovam Colombo, de volta da sua primeira viagem de descoberta, no meio da triumphal recepção da côrte de Hespanha, fallara com enthusiasmo

dos paraizos descobertos, das riquezas conquistadas, dos paizes do oiro, das plantas raras e das essencias preciozas, trazia decerto no espirito a miragem da ilha de Cuba, das suas florestas altas e profundas, dos seus canaviaes densos e sussurrantes, de toda essa flora variada e abundante, que devia, durante compridos seculos, fazer a prosperidade da patria do grande navegador.

Cuba é com effeito um paiz de sonho, de magia, de uma fertilidade sem exemplo, de um clima sem igual, feito para adormecer os sentidos e excitar a imaginação, no meio de uma fauna pittoresca e abundante e de uma vida sem esforço, como na *terra promettida* dos hebreus.

Todas as arvores que dão as madeiras valiosas : o acajú o ébano, o pau-santo ; as que destilam as resinas caras : a borracha, a gomma, e a

camphora ; as plantas que produzem os fructos appetidos : o café, o cacáo, a banana e o ananaz ; as palmeiras, as cannas de açucar, as arvores de baunilha, as plantações de algodão e de tabaco d'esse delicioso tabaco que não tem igual no mundo ; toda a flora dos paizes tropicaes domina em Cuba, com uma exuberancia espantosa.

Os dias são quentes, de um calor insupportavel e asphixiante, mas as noites são amenas, claras, cheias de serenidade e de poesia.

Nas sombrias florestas e nos campos perfumados, innumeras aves de pennas brilhantes, voam e cantam, desde o minuscuro colibri, até ao gigan-



O palacio do Governador.

tesco condor que paira a sete mil metros de altitude, desde a melancolica *palomba* que arrulha docemente, até ao estranho *campanero* que solta as notas metalicas e compassadas de seu canto como se foram as badaladas de um sino.

Através dos mattos e brenhas cortadas de inextricaveis trepadeiras, bichos esquisitos passam, alguns perigosos como as serpentes venenosas e o escorpião. Nas ribeiras as tartarugas e os jacarés abundam, fornecendo uma caça muito apreciada, emquanto que nas pastagens e nas fazendas os animaes d'Europa : o boi, o cavallo, as ovelhas e as cabras, pascem, as ervas perfumadas.

A população da grande Antilha compõe-se de

ondeante é d'uma elegancia refinada e os seus movimentos têm uma graça incomparavel. Creadas n'uma grande indolencia e recolhimento, educadas n'uma especial *coquetterie* que as faz pensar continuamente no encanto que devem inspirar e na adoração que devem merecer, as cubanas têm, já aos dez annos, o engraçado sorriso de mulher que seduz, e sabem responder aos cumprimentos, que á moda de Hesponha, os desconhecidos que passam, fazem á sua belleza.

Esta frivolidade é toda apparente, porque a havaneza é afinal d'uma grande honestidade, esposa affectuosa e mãe desvelada.

A capital de Cuba, a Havana, é uma cidade mo-

vimentada e importante, composta de duas partes — a cidade velha e a cidade nova.

A cidade velha, é suja, apertada e tortuosa como um bairro populoso de villa hespanhola. As ruas são horriavelmente calçadas, as casas antigas e quasi em ruinas, as varandas de ferro vergando em curvas caprichosas : as taboinhas sem côr arrepanhadas em posições comicas; e a todas as janelas, por sobre vasos de flôres, cordas de roupa estendida a sec-



Uma avenida da Havana.

tres classes principaes; os brancos, hespanhoes ou descendentes d'hespanhoes na maior parte e formando a classe dos fazendeiros; os naturaes, negros e miseraveis, constituindo a casta dos trabalhadores, antigos escravos; os mulatos odiados dos negros, temidos dos brancos, occupando nas plantações os postos de fiscalisação, dirigindo o trabalho nos campos e no engenho.

Os brancos de Cuba têm o typo hespanhol, mais franzino, mais macilento, e mais melancolico.

As mulheres são de uma belleza proverbial, extremamente pallidas, de olhos negrissimos, profundos e fascinantes. O seu corpo pequeno e

car, de uma roupa feita de remendos e de fran galhos.

Esta é a Havana pobre, uma Havana onde á noite a guitarra solta o seu plangente descante — n'um rythmo que todos nós conhecemos, porque é a inspiração das melopeias arabes da peninsula — e onde logo em volta do guitarrista um grupo se acotovella e grita, emquanto uma mulher de chale e de mantilha se meneia brandamente, como um bambú embalado pelo vento.

A Havana rica, a cidade nova, é uma imitação das cidades europeas e como tal geometricamente alinhada, limpa e banal. As avenidas são largas, assombreadas por linhas de arvores e guarnecidas

de um lado e outro de lojas ricas onde se vendem por preços fabulosos os artigos de Madrid, de Londres e de Pariz.

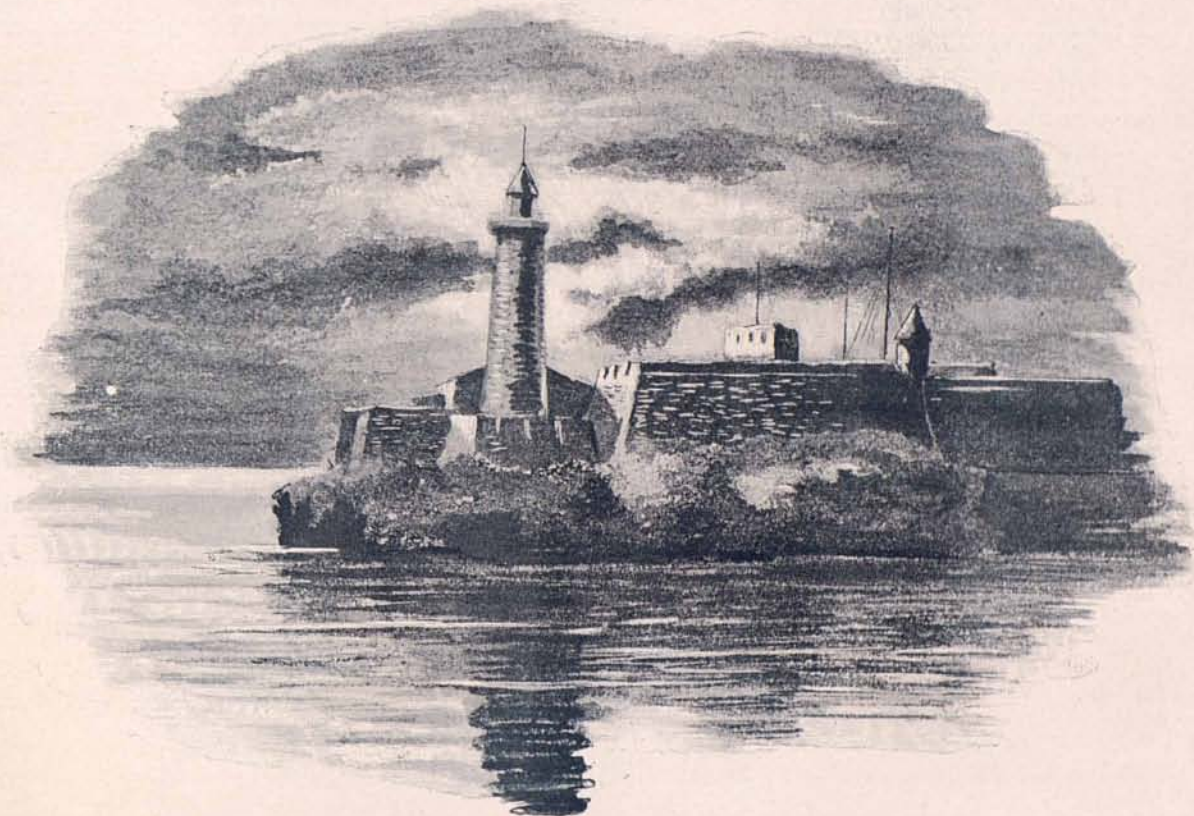
Sómente e apesar do frio aspecto das casas de pedra a quatro andares, e do correcto fato dos janotas, logo se adivinha que se está em terra hespanhola, n'um paiz em que o sol illude, enthusiasma e excita.

Os gestos dos cubanos são largos e violentos, as suas conversas agitadas e sonoras, e à noite, ao passar rente das casas onde as janellas largamente se abrem á frescura da atmosphera, visões

povo sentiu o jugo da mãe patria pesado e expoliador e a primeira insurreição — em 1867 — encheu a formosa ilha, durante dez longos annos, do pavor sangrento dos combates e do clarão rubro do incendio.

Depois de encarniçadas luctas em que hespanhoes e cubanos rivalisaram de heroismo, a insurreição foi suffocada, e durante dezassete annos, uma tranquillidade apparente reinou em toda a ilha.

Durante este tempo a Hespanha poderia ter favorecido a sua melhor colonia com as reformas



« El-Marro » fortaleza e prisão da Havana

admiraveis de Carmens e Manolas fazem lembrar as noites de Sevilha e de Granada.

Este paiz que a natureza fez um Eden, transformou-o o homem n'uma região maldita onde o sangue não cessou de correr. Com mão de ferro os aventureiros hespanhoes venceram a começo os naturaes, algemaram-nos e martyrisaram-nos.

A historia infame da escravidão tem a sua pagina mais terrivel em Cuba, onde se desenrollaram horrores que ainda hoje fazem tremer os negros emancipados, nas suas miseraveis choças.

Depois, mais tarde, quando o sangue hespanhol misturado ao indigena creou um novo povo, este

promettidas, as quaes deviam pôr termo aos abusos e ás expoliações de toda a ordem que — é preciso confessar — foram o regimen constante da administração da metropole. Por motivos de ordem superior, ou por caracter nacional, a Hespanha continuou, antes, a exercer o seu dominio com mais rigor, sobrecarregando de impostos e de vexames a *Perola das Antilhas*.

Uma nova revolução, d'esta vez admiravelmente organizada, foi o resultado de um tal estado de coisas.

Em fevereiro do anno passado tres chefes insurgentes Maximo Gomez, Antonio Maceo e Guilher-

mon, que tinham longamente preparado o ataque, servindo-se da hospitalidade e protecção dos Estados-Unidos, invadiam a ilha por tres pontos diferentes. A parte oriental de Cuba levantava-se e fazia causa commun com os insurgentes. No mez de abril o general Martinez Campos, vencedor da revolta de 67 chegava á ilha, com numerosas tropas e começava uma campanha que não devia ter resultado. Em breve os patriotas cubanos em numero consideravel penetravam na provincia de Pinar del Rio.

O governo da Metropole envia novas tropas e substitue o corajoso, mas humano Martinez Campos, pelo severo e destemido general Weyler. Os resultados não corôam logo os esforços do novo commandante.

E então o mundo inteiro, espantado, assiste a um facto unico na historia.

Deante da audacia dos insurgentes, a Hespanha levanta-se, ebria de patriotismo, com aquelle rasgo invencivel, que a ha-de fazer immortal entre as nações, e 50,000 homens partem, e logo após outros 50,000, e mais outros 50,000 e ainda outros 50,000. A patria do Cid, parece uma mina inexgotavel de homens, de armas e de dinheiro.

E durante dois annos, de coração alegre, ao som

dos tangos e das habaneras, que são as canções do paiz distante *que é seu e ha de ser seu emquanto houver um hespanhol em Hespanha* — esta cavalleirosa e heroica nação, com uma tenacidade digna de melhor sorte, envia atravez do oceano o seu sangue e a sua riqueza.

Nunca um semelhante exercito atravessou os mares. Nenhuma outra potencia o poderia fazer; Nem a Inglaterra, nem a França, nem a Allemanha.

A Hespanha tem provado n'esta dolorosa lucta, o quanto pôde um povo que quer e sabe querer.

Sómente a lucta, aqui, é quasi uma lucta fraticida. Do lado dos Cubanos fazem-se os mesmos prodigios de valor e de tenacidade, porque o sangue é o mesmo; porque é o sangue de Hespanha.

Esta vencerá porque é maior, porque é uma nação que não pôde morrer e em quanto viva não abandonará a lucta, porque tem um passado glorioso a manter e uma grande historia a illustrar.

Mas quando o ultimo insurgente fôr fusilado, ao pôr do sol, n'algum campo queimado onde em tempos as largas folhas do tabaco derramavam o seu perfume acre, o que restará da perola das Antilhas, da milagrosa terra de Colombo?

MIGUEL DE LENCASTRE.



Uma fazenda.

NOTICIARIO ILLUSTRADO

O tratado de alliança franco-russa — que como atraz dissemos se lavrou em Peterhof, durante a estada do Sr. Feliz Faure na Russia — foi assignado pelos dois chefes d'estado e pelos ministros dos negocios estrangeiros das duas potencias. Este documento de uma grande importancia, constituindo um verdadeiro acontecimento historico, julgámos interessante dar os retratos dos dois diplomatas acompanhados de algumas notas biographicas.

O SR. HANOTAUX

O MINISTRO dos negocios estrangeiros de França é um homem de incontestavel valor, que subiu ao importante posto que occupa exclusivamente pelo seu trabalho e pela sua intelligencia.

Espirito positivo e erudito o Sr. Hanotauz começou a sua carreira de homem de letras e de diplomata, pelo estudo constante e profundo do grande cardeal de Richelieu por quem, de muito novo, professava uma grande sympathia e admiração.

Tendo sido eleito deputado, e entrando d'esse modo no mundo politico, o Sr Hanotauz fez-se immediatamente apreciar pelos seus vastos conhecimentos sobre a politica exterior e pelo bom-senso e authority com que tratava os mais difficeis assumptos diplomaticos, e logo pouco tempo depois foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros, posto que occupou em diversas combinações ministeriaes.

A sua politica tem tido como principaes objectos : a alliança com a Russia, alliança que hoje, graças aos seus esforços, está realisada; o enfraquecimento da influencia



O Sr. Hanotauz
Ministro dos Negocios-Estrangeiros da França.

ingleza nas relações internacionaes e principalmente nas questões d'Oriente; e a manutenção da paz europêa.

O Sr Hanotauz é um historiador de grande valor e o seu livro sobre Richelieu valeu-lhe a sua recente entrada na Academia Franceza.

O CONDE DE MOURAVIEF

A CARREIRA diplomatica do ministro russo é modesta e obscura até ao dia, em que o Tzar o chamou ao consideravel posto que hoje occupa. N'esse momento o conde de Mouravief representava a Russia em Copenhague.

Um facto que define bem a politica do diplomata slavo

toda de sympathias pela França, é o seguinte : no dia da sua nomeação os fundos russos baixaram na bolsa de Berlim.

O conde de Mouravief é um homem ainda novo, de uma



O Conde Mouravief
Ministro dos Negocios-Estrangeiros da Russia.

alta intelligencia, e de uma grande energia. As suas decisões na guerra d'Oriente e o papel que elle fez desempenhar á Russia n'essa circumstancia, collocaram-no entre os primeiros diplomatas d'Europa.

A REVOLTA NA INDIA INGLEZA

A INDIA mussulmana levanta-se em massa contra os inglezes. A'hora actual, os insurgentes estão senhores de todos os desfiladeiros de Klüber e occupam as importantes posições estrategicas que dominam a planicie de Peschawer. — Este despertar do islamismo na India—resultado previsto da victoria do crescente na guerra grega-turca — cria uma nova complicação no já complicadissimo problema do Oriente e ameaça a Inglaterra nos seus mais valiosos interesses.

Em Londres, os jornaes accusam o emir do Afghanistan de ajudar os revoltosos, de lhes fornecer armas e munições.

Se assim é, a Inglaterra que tantos logros tem espalhado pelo mundo inteiro é por sua vez terrivelmente ludibriada. Com effeito esse emir, que se chama Abdurrhman, tem recebido da Inglaterra, innumerous presentes, honrarias sem conta, e o que é mais, uma pensão enorme, que a Grande Bretanha lhe paga para que elle lisongeado e submisso tenha em respeito os outros povos indios avassalados á corôa ingleza.

As repetidas perguntas que a Inglaterra lhe faz a proposito do actual estado de cousas, o manhoso emir responde com evasivas tão incompreensiveis quanto respeitosas, e durante esse tempo o seu povo em armas ataca e toma de assalto as posições inglezas.

A situação é, pois, grave para os inglezes tanto mais que os indios são bravos, estão armados de espingardas modernas, possuem uma artilheria de montanha de primeira ordem.

Alem d'isso a Russia não permittiria hoje á Inglaterra uma invasão do Afghanistan, caso mesmo essa invasão fosse

possivel, e antes teria interesse em defender os povos que occupam esses desfiladeiros por onde um dia talvez



Um grupo d'Afridis
Soldados ao serviço da Inglaterra, que agora se revoltaram.

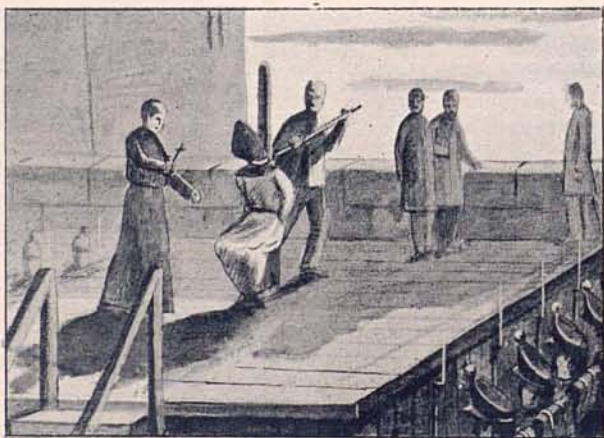
proximo, os soldados do Tzar descerão por sua vez ás planicies do Indus.

A *Revista Moderna*, correio d'actualidades, seguirá passo a passo, nos proximos numeros, as peripecias d'este grande acontecimento, limitando-se hoje a dar n'um *à ultima hora* a reproducção de uma photographia d'um grupo d'Afridis, poderosa tribu indiana, que constituia até hoje a mais poderosa e fiel amiga dos inglezes n'essa região, e que agora desertou com armas e bagagens para o campo dos insurgentes.

EXECUÇÃO D'ANGIOLILLO

COMO dissemos no nosso ultimo numero, Angiolillo, o assassino de Canovas foi executado pelo garrote, na prisão de Vergara. Até aos ultimos momentos, Angiolillo mostrou uma extraordinaria coragem e um desusado sangue-frio. Quando a sentença lhe foi notificada, não mostrou a menor commoção, e recusou com energia as consolações religiosas, dizendo ao padre que o exhortava a morrer: « Visto que o Snr. não pôde fazer-me sair da prisão, deixe-me em paz. Eu saberei entender-me com Deus. »

Dormiu profundamente na noite que precedeu o supplicio e o seu pulso, segundo o medico da prisão, não



A execução d'Angiolillo.

cessou de bater normalmente. Ás oito horas tomou chocolate, depois um copo de agua, e antes de partir para o

cadafalso pediu uma chavena de caldo. Como nos ultimos momentos lhe tivessem dado uma carta da mãe, Angiolillo leu-a commovido e pediu que mettessem essa carta no seu caixão junto do seu corpo.

Quando o carrasco de Burgos veio, segundo o habito, pedir-lhe perdão, Angiolillo abraçou-o e deixou-se depois ligar sem resistencia. Subiu a pé firme e sem ajuda os 24 degraos do cadafalso. Sentando-se no banco do supplicio disse que desejava pronunciar uma unica palavra e d'uma voz clara, vibrante, quasi prophetica exclamou — *Germinat*.

Logo o executor deu volta e meia ao ferro do garrote, a cabeça pendeu para a direita, e a morte veio quasi sem sobresalto.

Muitos milhares de pessoas assistiram a esta execução, silenciosas e recolhidas.

CLÉO DE MERODE

MADemoiselle Cléo de Merode, dansarina da Opera de Paris, celebre pela sua belleza, pela estatua que d'ella fez o grande escultor Falguière, e pelas sympathias d'um respeitavel e encanecido monarcha d'Europa, vae fazer uma *tournee* na America dos Estados Unidos onde a chama um brillante e rendoso contracto.

Mademoiselle Cléo de Merode, antes de partir para o



M^{lle} Cléo de Merode.

paiz dos yankees, fez dizer pelos jornaes o que de resto já era soejamente conhecido — que descende da grande familia dos Merodes, fidalgos belgas de alta linhagem e de glorioso nome. E logo as más linguas do continente induziram que o titulo — afora a belleza — arruava a casamento rico, a exemplo dos Malbourough, dos Chymay e dos Castelanes. É verdade que Cléo de Merode não poderá dar o seu nome ao bemaventurado consorte; mas que importa se ella lhe offerece a mais palpavel garantia da nobreza de sangue no fino, delicado e aristocratico typo da sua belleza?...

SPORT

O TURFE ALLEMÃO

AS CORRIDAS INTERNACIONES DE BADEN-BADEN

ALUTA que todos os annos se empenha entre as coudelarias allemãs e austriacas começando por Vienna e Berlim e continuando a Hamburgo e Baden-Baden deu á primeira d'ellas uma superioridade nos grandes premios disputados.

No todo é a criação allemã que vence em 1897 pois ella foi ganhar em Vienna o « Derby Austriaco com *Saphir*, soube conservar o Derby allemão em Hamburgo, e ganhar com *En-bloc* pertencente ao príncipe de Purlenberg o grande premio de cem mil francos de Baden. Em todas estas reuniões internacionaes os productos do celebre *etalon* francez *Chamont* prestaram os melhores resultados á criação allemã.

Batidas em Vienna as coudelarias austriacas transportam-se a Hoppegarten, Berlim, alcançando uma pequena desforra com a victoria de *Destillateur*, filho de *Isohar*, e pertencente a um proprietario hungaro, que ganha o premio do Jockey-Club de cincoenta mil francos. Foi ainda um cavallo austriaco *Pauvret* que obteve o segundo logar contentando-se as coudelarias allemãs com o terceiro guardado por *Sebeman*, filho de *Chamont*.

Em Hamburgo onde de novo recomeça a lucta, obtiveram os Allemães uma completa desforra com a victoria de um animal até então desconhecido, *Flunkermichel*, filho de *Pumpenikel* e neto de *Chamont*. Este poldro considerado um producto secundario, revela-se



O Hippodromo de Iffezheim em Baden-Baden.



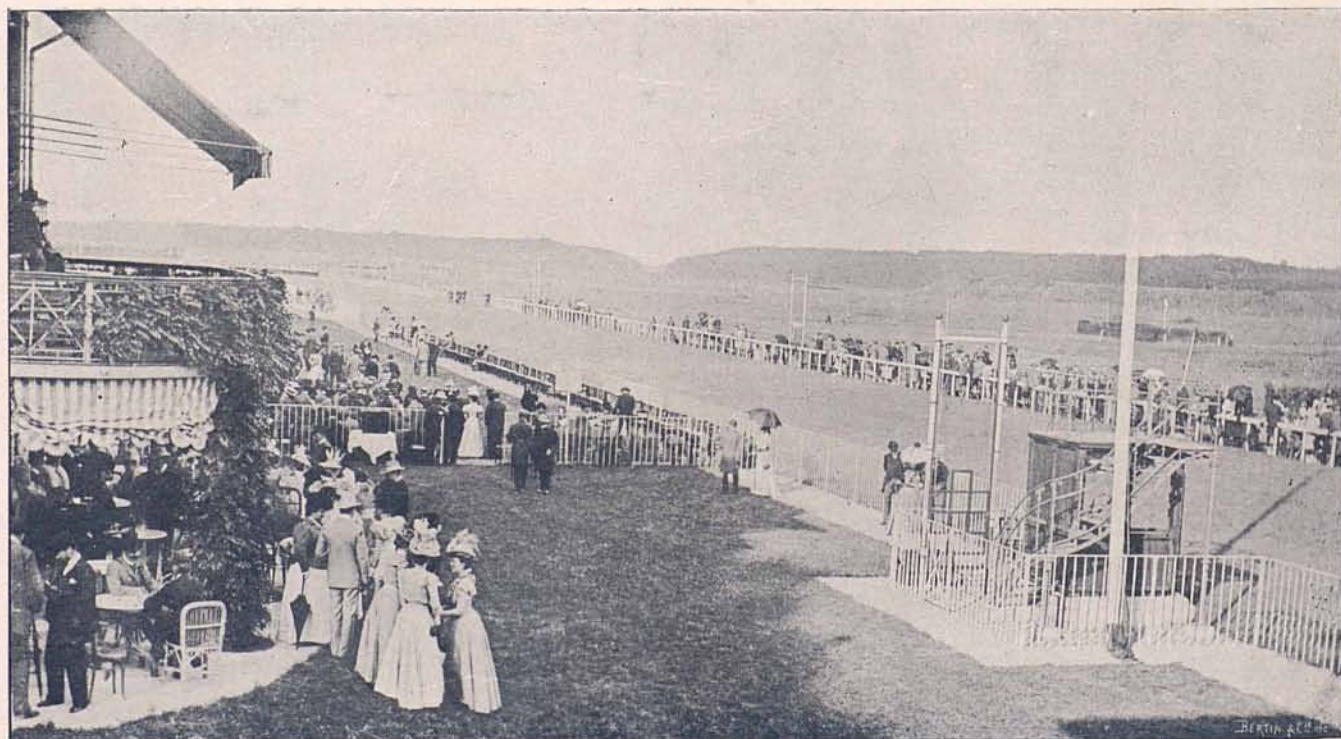
O « mail-coach » do Príncipe de Saxe.

um campeão de força ganhando o grande premio de Hausa, batendo *Voltigeur*, filho de *Galaor*, que é considerado um dos melhores cavallos austriacos. Depois d'esse successo inesperado, *Flunkermichel* torna-se no Derby allemão, que foi disputado uma semana depois, o grande favorito do publico.

Contra elle oppunham os austriacos os seus melhores corredores como *Destillateur*, *Tip-Top*, *Statisman* e finalmente *Astro* e *Zofe* todos bastante conhecidos e cotados no seu paiz. A corrida era pois das mais interessantes e levada a toda a força por todos os competidores. Ao começar a ultima volta *Flunkermichel*, que uma das suas boas qualidades é ter um folego valente, toma uma grande deanteira chegando ao poste dos vencedores acompanhado pelo poldro austriaco *Statesman* que defende com brio o segundo logar, cabendo o terceiro ao allemão *Wolkensheiber*.

A semana sportiva de Baden-Baden fecha em fins de Agosto a serie dos grandes premios do *turf* allemão. O Club Internacional teve o grande merito de tudo fazer para conservar em todo o esplendor as corridas internacionaes que se realisam no Hippodromo de Iffezheim em fins de Agosto, durante cinco dias de uma só semana. Estas corridas reúnem o mundo do sport de toda a Allemanha, da Austria-Hungria, da França e mesmo da Inglaterra.

O *Union club* de Berlim tem a direcção technica e o Club Internacional encarrega-se da administração. É tambem este mesmo Club que reúne e faz a distribuição de todos os premios cujo principal é o « Grande Premio de Baden-Baden » de cem mil francos. S. A. R. o Grande-duque fundou um premio de honra consistindo em uma grande taça de ouro. O total dos premios distribuidos nos differentes pareos d'estas cinco ultimas corridas elevou-se á respeitavel somma de quinhentos mil fran-

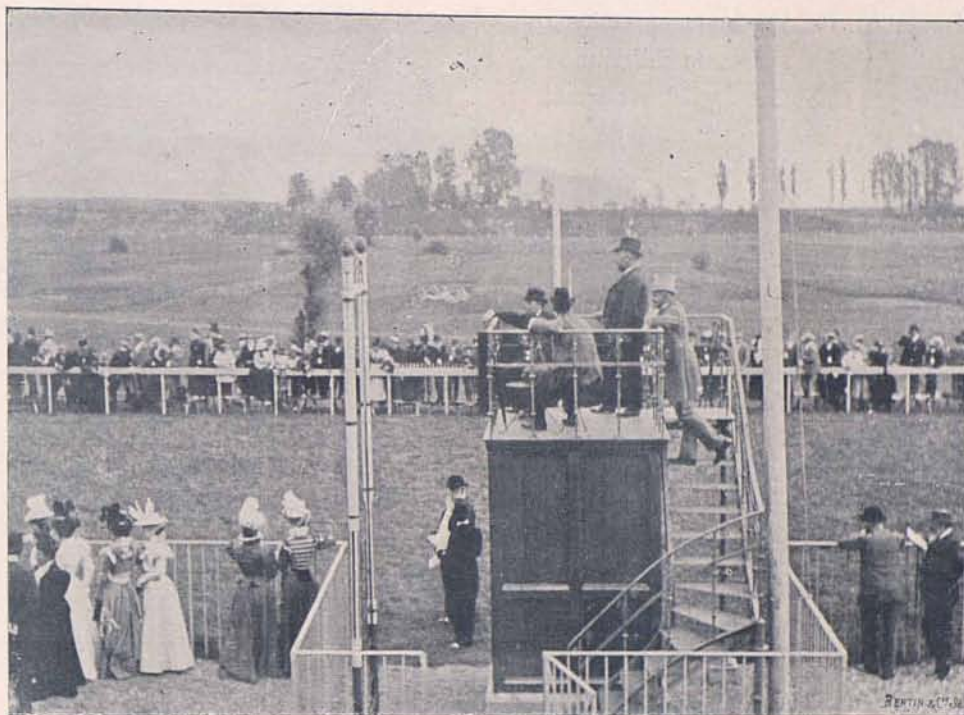


O recinto da Pesagem.

cos. O presidente do Club Internacional e do Comitê das corridas é S. A. o príncipe Hermann de Saxe-Weimar.

Uma bella e larga estrada de nove kilometros partindo de Baden e passando pela aldeia de Oss, enche-se das mais bellas equipagens que se dirigem ao hippodromo de Iffezheim. O campo de corridas, que é ricamente arranjado com os seus jardins e grammados admiravelmente conservados, offerece durante estas reuniões um brilhantissimo aspecto. Todos os membros das casas principescas allemãs, todos os grandes personagens da alta aristocracia, e uma inumeravel quantidade de estrangeiros de distincção ahí se encontram. Outrora era annualmente o *rendez-vous* predilecto do velho imperador Guilherme I e do seo genro o Gran-Duque de Baden.

Um programma variado das mais attrahentes festas é organizado para essa semana elegante, composto de con-



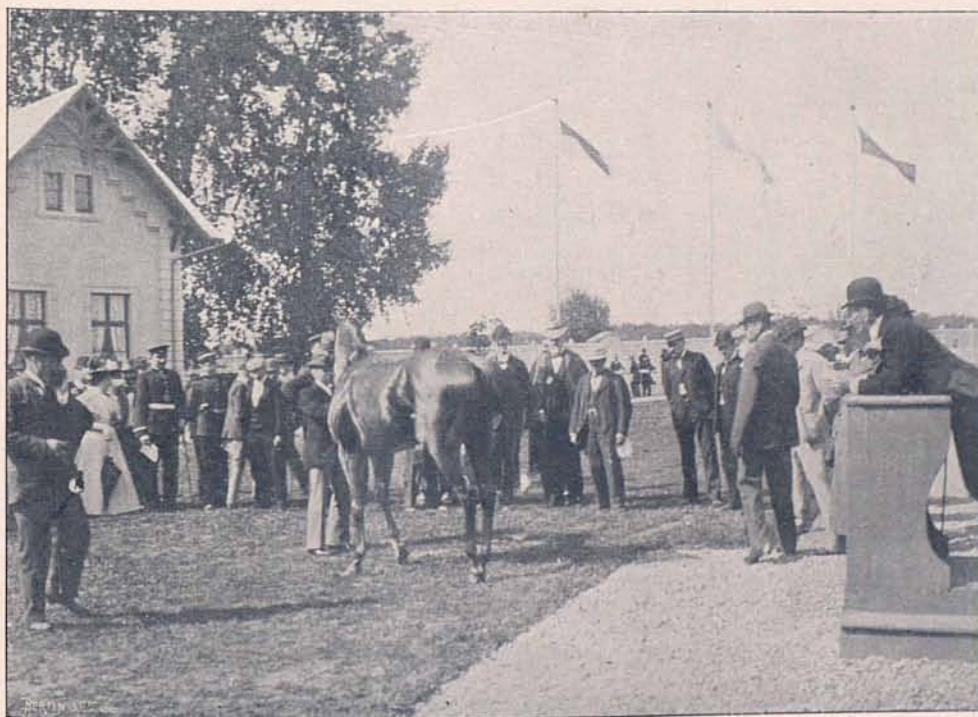
A tribuna dos Juizes da Chegada.

certos monumentaes, noites venezianas, *corso* de velocipedes floridos, fogos de artificio e uma bella batalha de flôres. Não dispondo de espaço sufficiente para uma noticia completa sobre todos os pareos, contentamo-nos em especificar os cinco vencedores dos maiores premios correspondentes ás cinco corridas realisadas,

O premio mais importante da primeira corrida, *Furstenberg Memorial* 30,000 francos foi ganho por *Saint Schadon* batendo oito competidores. Na segunda *Habenichts* d'entre 11 concurrentes disputa victorioso o premio *Zukunftsrennen* de quarenta mil francos. Tambem a quarenta mil francos eleva-se o premio *Príncipe de Galles* da terceira corrida ganho por *Sport* que distancia escandalosamente os seus adversarios.

Baden Steeple Chase trinta mil francos é o maior premio da quarta corrida na qual se apresentam oito animaes, sendo vencedor *Bavarian*.

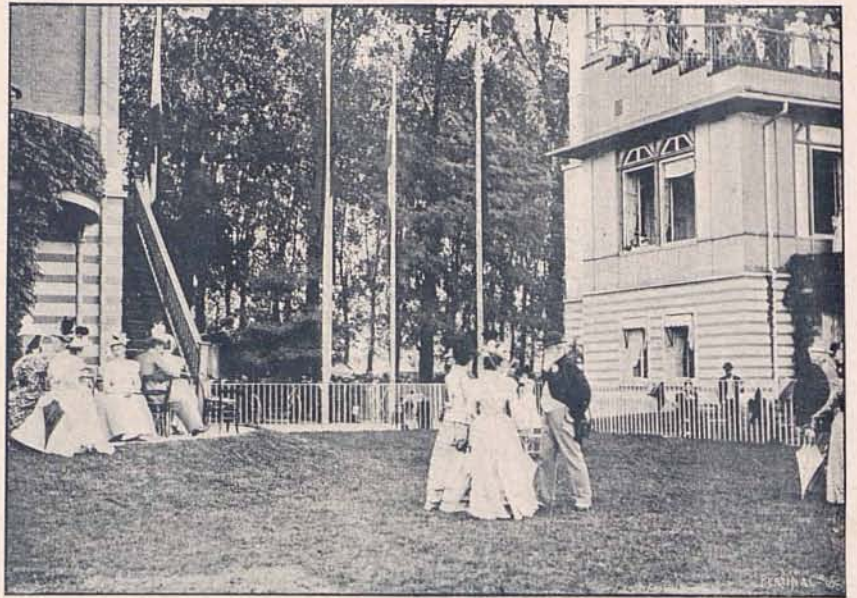
Finalmente a quinta e ultima na qual são



« En-Bloc », vencedor do Grande Premio de Baden.

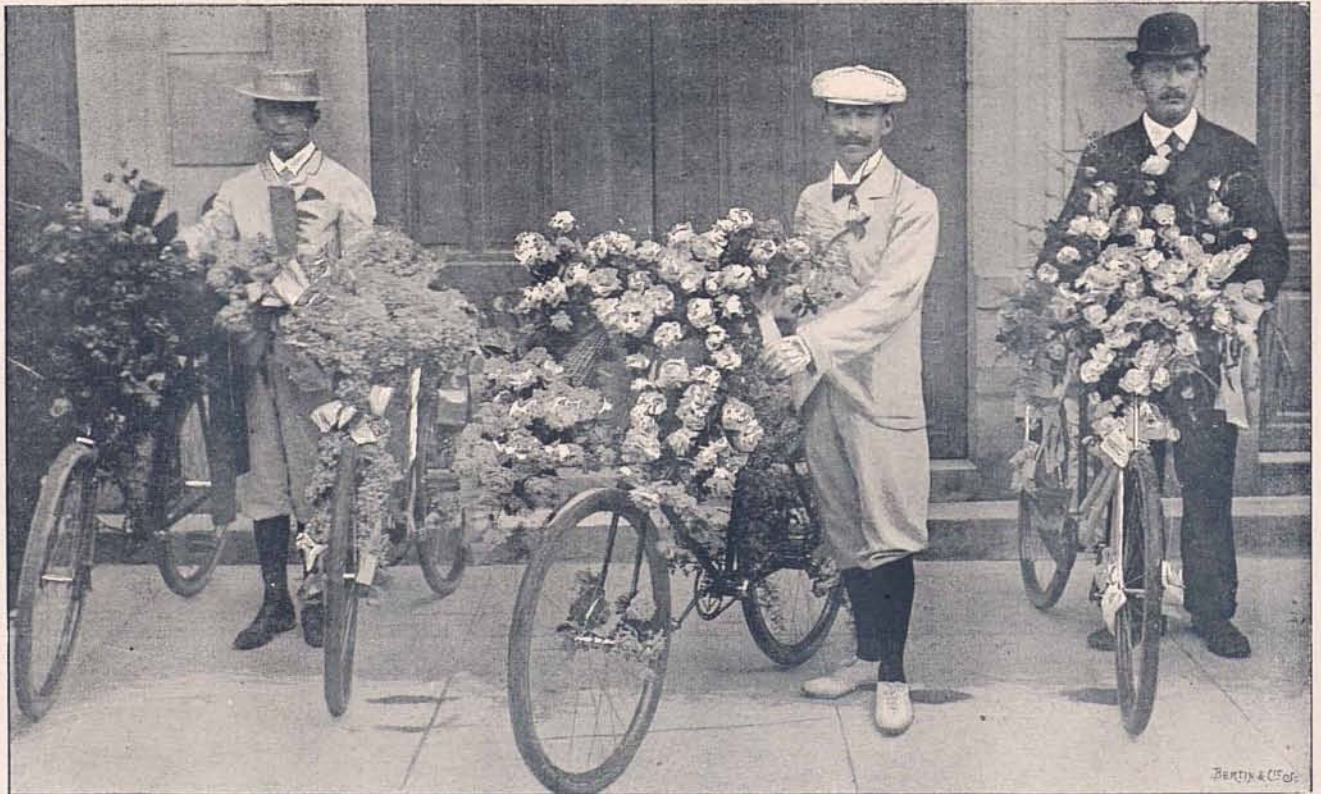
disputados dous grandes premios o « *de Iffesheim* » setenta mil francos ganho por *Geranium*, poldro allemão e filho de um *etalon* allemão pertencente ao Snr May que bate desde a sahida os seus nove concurrentes e o « *Grande Premio de Baden-Baden* » com mil francos e mais a taça de ouro, premio de honra do Gran-Duque, ganhos pelo principe de Furstenberg, com *En-Bloc*, producto allemão filho de um *etalon* austriaco, verdadeiro *azar* que deu no jogo das poules seiscentos francos por dez. *Geranium* o vencedor do premio de *Iffesheim* obtem brilhantemente o segundo lugar do Grande Premio de Baden. Tomaram parte nesse grande pareo onze competidores.

Terminou assim o triumpho do *turf* allemão com um serie de brillantes de victorias nos grandes premios de estrondoso successo das suas coudelarias por uma 1897.



O principe Herman de Saxe nas corridas de Iffesheim.

S. MARCELLO.

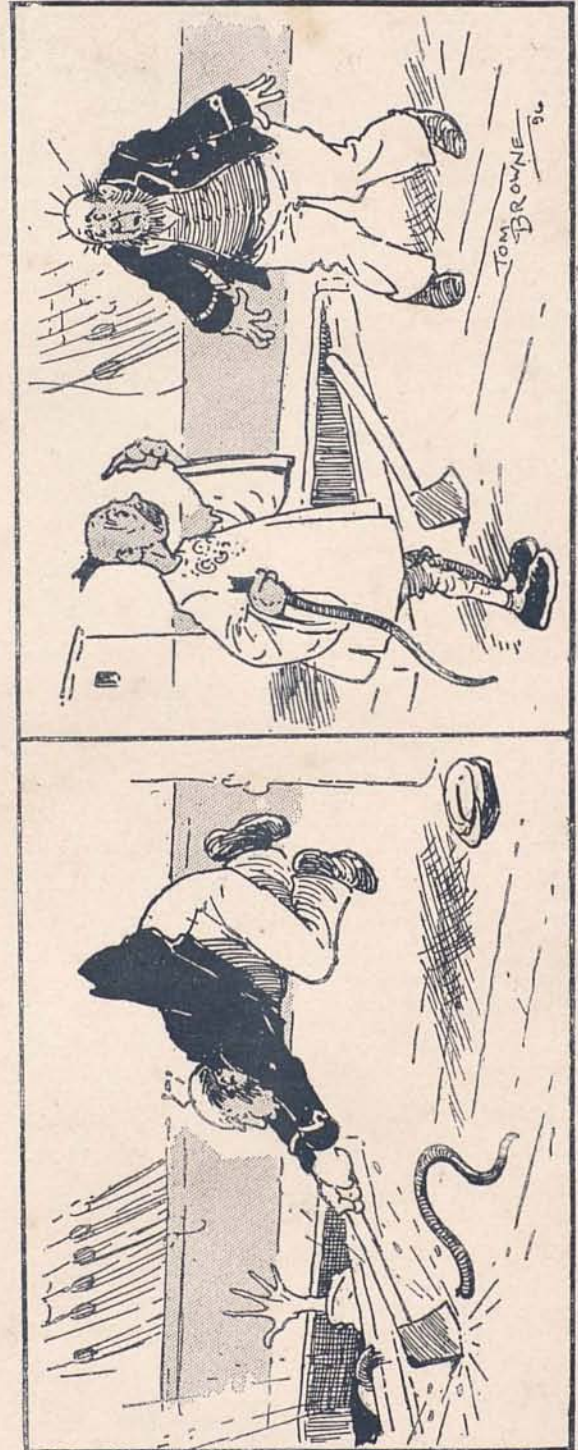
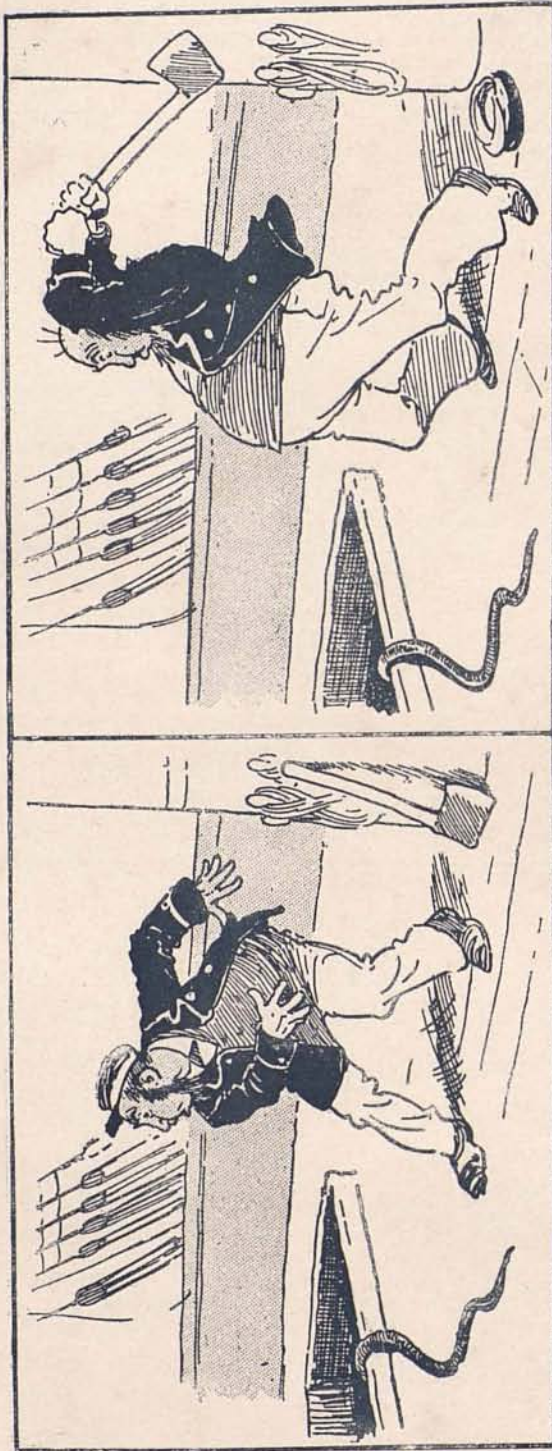


Velocipedes premiados no « Corso de Flôres ».



A BATALHA DE FLORES DE BADEN

PAGINA COMICA



TERRIVEL ENGANO

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR : M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL

E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

Cada numero contem 32 paginas de texto profusamente illustrado, impresso em excellente papel fabricado especialmente para a « Revista » — e um supplemento — hors texte — consistindo ou na reproducção pela gravura dos melhores quadros ou na publicação de trechos musicaes celebres e de actualidade.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL		PORTUGAL	
Um anno	50,000 reis.	Um anno	12,000 reis.
6 mezes	30,000 »	6 mezes	7,000 »
Numero avulso	2,500 »	Numero avulso	500 »

FRANÇA
e outros paizes da União Postal.

Um anno	40 francos.
6 mezes	24 »
Numero avulso	2 »

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTAS CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro	LAEMMERT E C ^{ia} ,	<i>Rua do Ouvidor.</i>
São Paulo	CASA GARRAUX,	<i>Rua de 15 Novembro.</i>
Pernambuco	LAEMMERT E C ^{ia} ,	<i>Rua Marquez de Olinda.</i>
Pará	LIVRARIA COMMERCIAL,	<i>Rua João Alfredo.</i>
Pelotas	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	

PORTUGAL

Lisboa : LIVRARIA PEREIRA, *Rua Augusta.* — LIVRARIA GOMES, *Chiado.*
Porto : LIVRARIA LELLO E IRMAO, *Rua do Almada, 18.*

PARIS

Escriptorio e Administração
48, rue de Laborde
LIBRAIRIE NOUVELLE
Boulevard des Italiens

LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C^{ia}
41, Queen Victoria Street

Partindo brevemente para o Brazil, será nosso representante ahi, com plenos poderes para tratar dos interesses da *Revista* o nosso distincto amigo e compatriota Snr. Jayme Dias.

Le Gérant : F. RAIBAUD.

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL

E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

Cada numero contem 32 paginas de texto profusamente illustrado, impresso em excellente papel fabricado especialmente para a « Revista » — e um supplemento — hors texte — consistindo ou na reproducção pela gravura dos melhores quadros ou na publicação de trechos musicaes celebres e de actualidade.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL		PORTUGAL	
Um anno	50,000 reis.	Um anno	12,000 reis.
6 mezes	30,000 "	6 mezes	7,000 "
Numero avulso	2,500 "	Numero avulso	500 "

FRANÇA

e outros paizes da União Postal.

Um anno	40 francos.
6 mezes	24 "
Numero avulso	2 "

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEQUINTAS CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro	LAEMERT E C ^ª .	Rua do Ouvidor.
São Paulo	CASA GARIBAY.	Rua de 15 Novembro.
Pernambuco	LAEMERT E C ^ª .	Rua Marquez de Olinda.
Pará	LIVRARIA COMMERCIAL.	Rua João Alfredo.
Pelotas	CARLOS PINTO E C ^ª .	

PORTUGAL

Lisboa: LIVRARIA PEREIRA, Rua Augusta. — LIVRARIA GOMES, Chiado.
Porto: LIVRARIA LELLO E IRMAO, Rua do Almada, 18.

PARIS

Escritorio e Administração
48, rue de Laborde

LIBRAIRIE NOUVELLE
Boulevard des Italiens

LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C^ª

11, Queen Victoria Street

Partindo brevemente para o Brazil, será nosso representante ahi, com plenos poderes para tratar dos interesses da Revista o nosso distincto amigo e compatriota Snr. Jayme Dias.